



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TER DE E TER QUE NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM ESTUDO
DESCRITIVO DO FENÔMENO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Kênio Oliveira Cabral

CAMPINA GRANDE

2017

Kênio Oliveira Cabral

TER DE E TER QUE NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM ESTUDO
DESCRITIVO DO FENÔMENO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande, como
requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora
Bezerra

Campina Grande

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C117t Cabral, Kênio Oliveira.
Ter de e ter que no português do Brasil : um estudo descritivo do fenômeno de gramaticalização / Kênio Oliveira Cabral. – Campina Grande, 2018.
66 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Bezerra".
Referências.

1. Gramaticalização. 2. *Ter de e Ter que*. 3. Uso Deontico.
4. Falantes da Língua Portuguesa. I. Bezerra, Maria Auxiliadora.
II. Título.

CDU 81'36(043)

Kênio Oliveira Cabral

TER DE E TER QUE NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM ESTUDO
DESCRITIVO DO FENÔMENO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora Bezerra - UFCG
(Orientadora)

Prof.^o Dr.^o Aloísio de Medeiros Dantas - UFCG
(Examinador)

Prof.^a Dr.^a Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo – UFCG
(Examinadora)

CAMPINA GRANDE - PB

2017

Dedico este trabalho ao meu pai (*in memoriam*), de quem jamais me esquecerei. Todas as suas contribuições para que eu chegasse onde estou é uma prova marcante e estimuladora de que o nosso empenho produzirá frutos que serão colhidos até muito depois da nossa última expiração e abençoarão gerações futuras.

AGRADECIMENTOS

Por sua graça abundante e seu amor incondicional, ao eterno e soberano Deus, sem o qual eu não teria escrito uma linha deste trabalho.

À minha mãe, por seus incansáveis esforços e zelo em educar-me, e por tudo.

À professora Maria Auxiliadora Bezerra, minha orientadora, por toda a contribuição dada solícita e pacientemente, durante esta pesquisa.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica, sobretudo os professores Aloísio de Medeiros Dantas e Maria Augusta G. M. Reinaldo, que prontamente se dispuseram a participar da Banca Examinadora.

Aos meus amigos e irmãos, pelos incentivos os mais diversos e orações.

Ao meu irmão Keitiano, por estar sempre pronto a ajudar-me, e por sua alegria e confiança.

Ao Pr. Luís Antônio, um novo amigo, por toda contribuição.

A Christian Borges, pela presteza e muita contribuição na parte gráfica e de tradução

O melhor é o que pode ser apreendido mais exata e rapidamente pela audiência presente e pode ser produzido mais facilmente por aquele que fala.

Noreen

RESUMO

A transformação é uma característica comum das línguas naturais e tem motivado estudos a partir de diversas perspectivas teóricas. Entre essas perspectivas, encontramos a que investiga os itens linguísticos quanto à sua mudança de uma função lexical para uma gramatical ou de uma gramatical para mais gramatical, considerando-se o uso que os falantes fazem desses itens. Esse fenômeno de mudança é denominado de gramaticalização, que é o foco da nossa pesquisa. Considerando esse fenômeno, este trabalho tem como objetivo analisar as expressões *ter de* e *ter que* no português brasileiro. Para isso, foram consultados vídeos de reportagens e entrevistas publicados no site de notícias do G1, entre julho de 2013 e março de 2017, nos quais observamos enunciados de 47 (quarenta e sete) pessoas de gênero distinto, residentes de todas as regiões do Brasil. As transcrições dos dados foram feitas a partir das convenções propostas pela Análise da Conversação. O trabalho tem como base os estudos da Linguística Funcionalista propostos ou retomados por Hopper (1991), Gonçalves *et al.* (2007), Dias (2011), Cezario (2012) e Souza (2012), além de outros teóricos e contribuições. Os resultados obtidos indicam um alto grau de gramaticalização da perífrase analisada, tendo o item *que*, nessa construção com índice de obrigatoriedade, ocorrido nos enunciados de mais de 95% dos informantes; frequência que assegura a esse item funcionalidade na classe das preposições. Também constatamos que o uso de ambas as formas dessa perífrase é indiferente entre homens e mulheres e ocorre independentemente de terem formação acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: *TER DE* E *TER QUE*. USO DEÔNTICO. FALANTES DA LÍNGUA PORTUGUESA. GRAMATICALIZAÇÃO.

ABSTRACT

The change is an ordinary characteristic of the natural languages and has moved studies from diverse theoretical perspectives. Among these perspectives, we find the which investigate the linguistics object how much it change from a lexical function to grammatical function, or from a grammatical to more grammatical, considering the use that the speakers making of this lexical object. This change event is called grammaticalization, that is the focus of our research. Considering these phenomena, this research work there is with the objective to analysis the expression *ter de* and *ter que* in brazilian portuguese. Thereunto, it was consulted videos of news and interviews publicated in the news sites G1, between july 2013 and may 2017, in which we observed statements of the 47 (forty seven) people of differents genre, living in all Brazil regions. The data transcriptions ware made from conversations proposed by the Conversation Analysis. The research work has as base on studies by Functionalist Linguistics proposed or taken up by Hopper (1991), Gonçalves *et al.* (2007), Dias (2011), Cezario (2012) and Souza (2012), beyond other theories and their contributions. The results indicate a high degree of grammaticalization of the analyzed periphrasis, with the item *que* in this construction with an obligatory index, occurring in the statements of more than 95% of the informants; this frequency assures to this item functionality in the class of prepositions. We also verified the use of both forms of this periphrasis is indifferent between men and women and occurs independently of having an academic background.

KEY WORDS: *TER DE* AND *TER QUE*. DEONTIC USE. SPEAKERS OF THE PORTUGUESE LANGUAGE. GRAMMATICALIZATION.

LISTA DE ABREVIATURAS

1. *Deo.+prep.+inf.v.princ.* deôntico *ter* + preposição + infinitivo do verbo principal
2. *Ter+que+inf.* verbo *ter* + item *que* + verbo no infinitivo
3. *Ter+prep.* expressão deôntica objeto de estudo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA: VARIAÇÃO E MUDANÇA	12
1.1. Variação sincrônica e diacrônica	13
2. A GRAMATICALIZAÇÃO: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS E PRINCÍPIOS	14
3. A GRAMATICALIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES <i>TER DE</i> E <i>TER QUE</i>	20
3.1. O item linguístico <i>ter</i>	20
3.2. O item linguístico <i>de</i>	22
3.3. O item linguístico <i>que</i>	23
3.4. A ocorrência da expressão “ter de/que” em algumas gramáticas contemporâneas	24
4. METODOLOGIA	28
4.1. Natureza e tipo da pesquisa	28
4.2. Coleta e transcrição de dados	28
4.3. Informantes da pesquisa	30
5. O USO DAS EXPRESSÕES “TER DE...” E “TER QUE...” POR FALANTES DO PORTUGUÊS DO BRASIL	32
5.1. Falantes de português e uso da expressão deôntica em estudo	32
5.2. A especialização do item <i>que</i> seguido ao <i>ter</i> no falar contemporâneo	37
5.3. A concorrência entre as expressões deônticas <i>ter que</i> e <i>ter de</i> na frequência de uso	41
5.3.1. A descategorização do <i>que</i> em <i>ter que</i>	43
5.3.2. A tendência da estratificação final do <i>de</i> em <i>ter de...</i>	44
5.4. A relação entre a elipse de um elemento nominal e a gramaticalização da perífrase <i>Deo+prep.+inf.v.princ.</i>	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
BIBLIOGRAFIA	49
ANEXO	51
APÊNDICE	54

INTRODUÇÃO

Todos sabemos que a língua é um importantíssimo instrumento de interação entre as pessoas dos mais diversos níveis de conhecimento escolar e acadêmico ou de qualquer posição econômica. Além disso, é também um objeto que estudiosos desde tempos remotos têm envidado esforços para compreender e explicar os fenômenos que lhe são inerentes.

Entre esses estudos, estão os de variação e mudança linguística, os quais, na vertente funcionalista, têm a gramaticalização como uma de suas linhas de pesquisa. Os especialistas desse tópico de estudo ganham notoriedade, sobretudo no século XX – como, por exemplo, descrevem Gonçalves *et al.* (2007) –, categorizando os elementos linguísticos em unidades lexicais e unidades gramaticais e explicando a passagem do nível lexical para o gramatical e deste para um mais gramatical.

Especificamente, neste trabalho, a nossa atenção volta-se para a gramaticalização envolvendo as expressões *ter de* e *ter que*, usadas como modalizadoras deônticas em perífrase de infinitivo. Nesse sentido, intentamos responder aos seguintes questionamentos: há sobreposição de uma dessas formas perifrásticas no uso dos falantes brasileiros?; que fatores ou princípios norteiam esse tipo de variação de uso do item conectivo nessa perífrase?

No intuito de responder a esses questionamentos, este trabalho tem como objetivo geral analisar as expressões *ter de* e *ter que* no português do Brasil, à luz dos estudos de gramaticalização. Por conseguinte, os objetivos específicos são verificar, a partir de enunciados orais, qual dessas expressões que exprimem obrigatoriedade os falantes da nossa língua mais usam e se fatores extralinguísticos, como o gênero, a formação acadêmica e a região onde os falantes habitam, influenciam esse uso; como também, constatar se os princípios de gramaticalização são fatores que se relacionam com a mudança dessa perífrase.

“Como nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007), este trabalho mostra-se relevante por buscar respostas, ainda que preliminares, para um uso que, além de frequente e de ter pouco material direcionado à sua explicação, temos notado, está presente no conjunto de dúvidas de muitos usuários da língua portuguesa, inclusive professores. Aliás, quando menos esperamos, deparamo-nos com a pergunta: “Qual é a forma correta (ou mais adequada): tenho *de* estudar ou tenho *que* estudar?”. E, assim, instigados por esses motivos, realizamos esta pesquisa preliminar sobre esse fenômeno que ocorre em nossa língua.

Esta monografia compõe-se de 6 capítulos, além da introdução. Nos três primeiros, há um levantamento das contribuições teóricas que fundamentam a análise, sendo o primeiro

deles voltado aos conceitos gerais de variação e mudança; o segundo, aos princípios de gramaticalização e o terceiro, à gramaticalização das expressões objeto da pesquisa, quanto ao movimento de mudança por que cada item dessas expressões passou e como algumas gramáticas as descrevem. No quarto, está a apresentação da metodologia, com informações relacionadas à natureza e ao tipo da pesquisa, às técnicas de coleta e de transcrição dos dados e aos informantes. No quinto capítulo, são feitas a descrição e a análise dos dados coletados. E, por fim, são apresentadas algumas considerações acerca dos resultados obtidos no estudo realizado.

1. A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA: VARIAÇÃO E MUDANÇA

Pensar acerca de um componente caracterizador dos seres humanos, chamado língua, é, ao mesmo tempo, percorrer o campo da realidade diversa. Da realidade, porque lidamos com ela diariamente; e diversa, por ser inegável a sua heterogeneidade, a todo o momento percebemos usuários da nossa língua tomarem palavras ou expressões de modo distinto ao que usamos para nos referirmos à mesma coisa. No entanto, reconhecer as diferenças linguísticas não significa afirmar a inexistência de questionamentos sobre esse assunto, aliás, frequentemente ouvimos ou vemos algum escrito que indaga: “qual é a forma certa para dizer-se ‘isso’ ou ‘aquilo’”?

Essa heterogeneidade da língua tem sido explicada, sobretudo por linguistas de perspectiva social, como sendo própria da existência humana. Para eles, assim como as pessoas são plurais, mesmo compondo apenas uma nação, a forma de uso da língua segue naturalmente o mesmo curso. Nas palavras de Bagno (2007), “a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável está sempre em desconstrução e reconstrução”. Segundo esse autor, o problema não está na variação, mas em considerar-se a variação como um problema a ser solucionado, como se fosse possível fazer todas as pessoas falarem da mesma maneira.

Reconhecida a heterogeneidade linguística, faz-se necessária alguma consideração que distinga termos científicos referentes a esse assunto, a saber, variação e mudança. A variação é um termo genérico que, inclusive, abarca a mudança, o inverso, porém, não é possível. A primeira palavra pode referir-se a uma mera distinção fonética que marca, por exemplo, formas diferentes do falar de um indivíduo em circunstâncias diversas ou entre indivíduos usuários de idioletos distintos. Nesse caso, quando alguém pronuncia a palavra ‘tia’ com uma consoante africada, [ˈtʃiɐ], logo é suspeitado como sendo de uma região do país ou que está falando como alguém de lá. Mesmo assim, a referida palavra continua invariável no léxico, a ortografia e o sentido não mudaram. Não desconsideremos, entretanto, que há muitos outros tipos de variação.

Por outro lado, a mudança linguística concerne ao estabelecimento de uma nova forma e/ou um novo sentido para a mesma forma. Desse modo, temos a palavra ‘você’, que é clássica para exemplificar a transformação de ‘Vossa Mercê’, passando pela forma ‘Vosmecê’, até chegar à sua forma que atualmente é usada como pronome pessoal. Também é conhecida a forma do verbo ‘embarcar’, que, etimologicamente, significa entrar na barca ou

no barco; contudo, o uso corrente desse verbo encerra um sentido de adentrar vários meios de transporte, especialmente para seguir viagem.

Ainda no que diz respeito à variação linguística, destacamos dois tipos: a sincrônica e a diacrônica.

1.1. Variação sincrônica e diacrônica¹

Esses dois tipos de variação referem-se ao tempo de sua ocorrência. “Sincronia” é uma palavra composta por dois termos gregos, *syn* + *chrónos*, que significam *com o tempo* ou *ao mesmo tempo*. Assim, variação sincrônica é aquela que ocorre no tempo imediato ao uso; por exemplo, no tempo atual. Diferentemente dessa, a variação diacrônica ocorre ao longo da história, *diá* (através de) + *chrónos* (tempo). Este é um tempo mais perceptível para a mudança, pois nos permite comparar as transformações sofridas por uma palavra ou expressão no passar das gerações.

É importante ressaltar que não existem apenas dois tipos de variação. Ilari & Basso (2006) e Bagno (*op. cit.*) expõem outras classificações como a diatópica, a diastrática, a diamésica e, para este último autor, a diafásica. A primeira é a variação que se dá a partir do lugar onde vivem os falantes, quando se compara a fala de habitantes de uma região com os de outra; a segunda tem a ver com as diferenças por estratos, classes sociais; a terceira, diamésica, respeita à variação associada aos meios ou veículos de comunicação e aos gêneros textuais; a última, a nomenclatura usada por Bagno, refere-se à variação advinda do grau de monitoramento do falar pelo próprio falante. No entanto, todos esses tipos estão incluídos nos dois primeiros, pois estes compreendem os tempos presente e passado.

Priorizamos a variação sincrônica e a diacrônica, portanto, pois elas explicam melhor a mudança linguística. É, inclusive, a partir dessas acepções que Dias (2011), retomando Labov, discorre acerca das transformações inerentes à língua:

Toda língua apresenta variação, que desencadeia a mudança, pois como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para em seguida ocorrer a mudança. Para que a mudança ocorra, a língua tem necessariamente de passar, portanto, por um período em que há variação, em que coexistem duas ou mais variantes (DIAS, 2011, p. 19).

Após essas considerações gerais acerca da mudança linguística, pelo viés da sociolinguística, trataremos, a seguir, mediante a uma abordagem funcionalista, algumas considerações concernentes a um tipo específico de mudança, a gramaticalização.

¹ Como retoma Pietroforte (2006, p. 79), os conceitos de sincronia e diacronia relacionados ao signo linguístico foram propostos pelo laureado linguista Ferdinand de Saussure, no Curso de Linguística Geral que este ministrou, opondo uma abordagem do signo linguístico à outra.

2. A GRAMATICALIZAÇÃO: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS E PRINCÍPIOS

O conceito de gramaticalização, como indicam Gonçalves *et al.* (2007) e Castilho (2010), ainda não está bem definido. Há pelo menos três perspectivas teóricas que explicam esse conceito: a corrente de estudo embasada na proposta de Meillet, 1912, *apud* Gonçalves *et al.* (*op. cit.* p. 27), que concebia a gramaticalização como a passagem do nível lexical para o gramatical; a que acrescentou à ideia desse autor o conceito de passagem do menos gramatical para o mais gramatical; e, mais recentemente, foi difundida a ideia da passagem de qualquer elemento linguístico para o nível mais gramatical. Essas concepções dizem respeito ao seu funcionamento por meio de diversas variações dos itens linguísticos.

Além disso, quando se toma a gramaticalização como um mecanismo de estudo, os conflitos permanecem. Segundo Gonçalves *et al.* (*idem.*, p. 58), a consideração da gramaticalização como uma teoria, por exemplo, não é unânime entre os estudiosos. Inclusive, após fazer referência a alguns expoentes dessa forma de estudo da mudança linguística, quanto a percebê-la como teoria, ou como modelo ou como paradigma da gramaticalização, os autores retomam a ponderação de Naro & Braga (2000), que afirmam que esse termo significa apenas uma “vertente dos estudos da mudança linguística”.

Em outra parte de sua obra introdutória, Gonçalves *et al.* (*op. cit.*, p. 16) afirmam que, conforme o interesse metodológico do estudioso que se debruce sobre a análise da língua, a gramaticalização pode ser tomada como um processo, como um paradigma e também como um fenômeno. Na perspectiva do fenômeno, encontram-se as abordagens sincrônica e diacrônica, sendo também possível uma que combine essas duas, denominada de perspectiva metodológica *pancrônica*².

Seja qual for a perspectiva, todas reconhecem, de alguma forma, a **unidirecionalidade**³. Acerca desse princípio, Dias (2011, p. 29), evocando Neves (1997), afirma que “a gramaticalização, de modo geral, é o processo, dinâmico e histórico na sua essência (embora a interpretação possa ser sincrônica), é unidirecional, com uma unidade menos gramatical na ponta de partida e uma unidade mais gramatical na ponta de chegada”.

² A perspectiva metodológica *pancrônica* tem como objetivo não somente explicar como as formas gramaticalizadas surgem e se desenvolvem durante a história da língua – diacronia –, mas também explicar como ocorre o seu funcionamento no uso atual dessa língua – sincronia, conforme explicam Gonçalves *et al.* (2007, p. 16).

³ Para um direcionamento acerca da crítica à gramaticalização e ao seu princípio de unidirecionalidade, ver Gonçalves *et al.* (*idem.*, p. 61, 66), quando retomam a proposta dos autores da *Language Science* 23 (2001).

Seguindo esse princípio, a autora demonstra o processo de transformação diacrônica gerador da forma pronominal *a gente*, que sofreu uma mudança de categoria, passando de substantivo a pronome. Ela aponta que, por meio de uma pesquisa, Lopes (2003) constatou esse processo no espaço de tempo compreendido entre os séculos XVI e XX, em que no séc. XVI havia ambiguidade no uso do termo, no séc. XVIII já havia a ocorrência clara como pronome e no séc. XX deu-se a consolidação do uso pronominal de *a gente*.

Ao corroborar o princípio da unidirecionalidade, Souza (2012) afirma:

Dos autores que discutem questões sobre mudança linguística, chamamos a atenção para Heine et alii (1991), Hopper e Traugott (1993) e Bybee (2003), que compartilham de uma noção semelhante de GR⁴, assentada basicamente no reconhecimento de que a passagem de um item lexical a um item gramatical (ou de um item gramatical para um item ainda mais gramatical) ocorre de maneira gradual, num sentido unidirecional (SOUZA, 2012, p. 71).

Partindo desse princípio, autores como Castilho (2010) e Cezario (2012) evocam a gramaticalização do verbo pleno *ir* (mais lexical) para verbo auxiliar (mais gramatical). Esta autora põe a questão nos seguintes termos: “O verbo *ir*, por exemplo, sofreu uma mudança no sentido de passar a ser um marcador de futuro (categoria gramatical), como em ‘Vai chover’” (CEZARIO, 2012, p. 22). E, continuando a observar o *continuum* de gramaticalização desse verbo, Castilho (*op. cit.*, p. 679) completa: “No português brasileiro, o auxiliar *ir* quando seguido de verbo começado por consoante dá origem a um novo morfema prefixal, {vo}, presente em *vofalá*”. Disso se constata a passagem do item linguístico do nível lexical para o gramatical e deste para um mais gramatical.

Ainda vale destacar que os principais proponentes dos estudos de gramaticalização concebidos atualmente, a partir de Meillet (*op. cit.*), na França, como Lehmann, Heine, Claudi e Hünemeyer, na Alemanha, e Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Pagliuca, nos Estados Unidos,

partilham o mesmo pensamento no que concerne a dois pontos: (i) fazem a distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas e palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro; (ii) consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras (GONÇALVES *et al.*, *op. cit.*, p.19).

Dito de outro modo,

“Palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos) podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares etc.), as quais, em

⁴ Gramaticalização.

momento posterior, podem vir até mesmo a se tornar afixos” (*ibidem*, p. 20), processo que verificamos na descrição do verbo *ir* feita acima.

Dentro dessa abordagem unidirecional, há outro conceito que não deve ser esquecido: a **abstratização**. Nesse sentido, percebe-se que, quanto mais gramatical, mais abstrato será o item linguístico, isto é, menos ele terá sentido em si mesmo e dependerá de outras palavras ou do contexto de uso. Acerca disso, retomando a ideia de Heine *et al.* (1991), que denominam as palavras lexicais de palavras-fonte e as outras, de palavras gramaticais ou palavras-alvo, Souza (*op. cit.*, p.71) afirma que as palavras-fonte

São elementos que possuem significação própria e tendem a codificar objetos concretos pertencentes ao mundo sociofísico do falante/ouvinte (Sweetser, 1991), e, por isso, estão geralmente associados a processos, localizações, e ao sistema dêitico da língua. Já as palavras gramaticais, segundo Heine et alii, são aquelas que estão mais estreitamente relacionadas a elementos abstratos da língua, sendo, pois, desprovidas de significado próprio, característica esta que as coloca no rol de palavras dependentes de outras palavras ou do contexto de uso.

Essa abstratização pode ser facilmente apreendida no uso da partícula de enlace da perífrase verbal objeto de análise neste trabalho, o que se verificará no tópico 3.2, por exemplo.

Como a gramaticalização pressupõe mudança em algum momento do seu percurso, importa, também, que consideremos os fenômenos da **coocorrência** e da **concorrência**, abordados por Vitral *et al.* (2010, p. 202), quando comparam procedimentos de análise de gramaticalização e da Teoria da Variação e Mudança. Segundo os autores, para que ocorra mudança linguística, é imprescindível que, das formas coocorrentes e concorrentes, se afira “o mesmo valor de verdade no mesmo contexto”. Ou seja, se um item linguístico coexiste com outro que desempenha a mesma função no mesmo contexto, um tende a eliminar o outro pela concorrência entre si, como ocorre no caso dos verbos *ter* e *haver*, analisados por esses autores.

Antes, porém, de esses autores procederem à análise dos itens supracitados, eles observaram dois processos a partir de dois princípios postulados por Hopper (1991), a saber, os princípios da *divergência* e da *estratificação*. Concernente ao primeiro princípio, o primeiro processo estudado ocorre com o item *aí*, pois mesmo tendo a sua forma mantida, a gramaticalização se dá em razão de desempenhar funções gramaticais distintas, o que se constata nos exemplos a seguir.

(1) Uso dêitico (que localiza tempo ou espaço. Neste caso, espaço):
 “De todo modo, no que diz respeito a você, gostaria muito de te encontrar: aqui, **aí** onde for, e conversar um pouco sobre o trabalho.”

(2) Uso fórico:

“...que o melhor ano da minha vi- melhor ano escolar meu, no Pedro II, foi a minha segunda 5ª série. Que **aí** eu fiz sabe? Numa-numa higiene mental.”

(3) Uso juntivo:

“**Aí** bota meio copo de óleo. **Aí** você bate no liquidificador e depois você tira e bota numa vasilha.” Naro & Braga (*apud* VITRAL *et al.* 2010, p. 204)

O segundo princípio observado pelos autores, o da *estratificação*, demonstra-se na inovação de uma forma para expressar o futuro do verbo viajar, em que a forma emergente perifrástica *vou viajar* coexiste com a forma sintética *viajarei* (*idem*, p. 205).

No caso do processo verificado mediante esse último princípio, porém, os autores sugerem que, no transcorrer do tempo, as duas formas que exercem a mesma função no mesmo contexto tendam à concorrência e uma delas elimine a outra. Nesse sentido, afirmam:

É possível, assim, considerar que, em relação à Estratificação, haja fenômenos de variação estável no sentido laboviano que, como se admite, podem persistir por tempo indeterminado ou, a partir de certo momento, começar a se desenvolver na direção de eliminar uma das formas equivalentes. Talvez ilustre esta última opção o caso da forma composta do pretérito mais-que-perfeito, com o auxiliar *ter*, fruto de gramaticalização, que parece tender a substituir de maneira completa a forma simples (*idem*, p. 206).

Ligada ao processo de gramaticalização, e que pode ser fator determinante para que itens coexistentes se tornem concorrentes, encontra-se também a **frequência de uso** desses itens linguísticos. Inclusive, esta abordagem investigativa da recorrência das palavras corrobora a sugestão feita acima quando da verificação a partir do princípio da *estratificação*. Segundo Cezario (2012), além da criatividade humana de transferir sentidos de termos usados em contextos distintos, a repetição apresenta-se como um meio produtivo de gramaticalização. Acerca disso, ela retoma as palavras de Haiman (1994, *apud*, CEZARIO, 2012, p. 25) e concorda que “a gramaticalização pode ser pensada como uma forma de rotinização da língua” e que é essa rotina que “determina se a forma passa ou não a ser considerada gramatical pela comunidade de fala”.

Além do que já destacamos, as generalizações, com estatuto de princípios, propostas por Hopper (*op. cit.*), para “diagnosticar” o fenômeno da gramaticalização, como afirmam Vitral *et al.* (*op. cit.*, p. 203), ou, simplesmente, princípios, se preferirmos a terminologia de Dias (*op. cit.*, p. 28), são de muita utilidade neste trabalho. Ao todo, são cinco princípios e dois deles (*estratificação* e *divergência*) já foram reportados com algum exemplo. E, mesmo que não lancemos mão de todos eles detidamente – pois, para cumprirmos nossos objetivos, tendo em vista o objeto de análise, apenas quatro são necessários –, os descrevemos aqui. Os demais são os princípios da *especialização*, da *persistência* e da *descategorização*.

O princípio da *especialização* relaciona-se com a frequência de uso. Assim, o elemento linguístico vai-se tornando mais recorrente em dado contexto e se especializando em desempenhar a função realizada por outro. Se, por exemplo, considerarmos o uso da forma pronominal *a gente*, notaremos que o processo de gramaticalização por que passou levou-a a especializar-se como pronome de primeira pessoa do plural, e isso acontece de modo a suplantarem o pronome *nós*. Essa afirmação pode ser reforçada com o levantamento que Omena & Braga (1996, *apud* GONÇALVES *et al.*, *op. cit.*, p. 82) fazem, demonstrando o resultado numa tabela em que “a frequência de uso de *a gente* vs *nós*” que se constata é de quase 70% para a forma gramaticalizada.

Nesse mesmo sentido, mais uma vez, uma das formas tende a desaparecer (ao menos em contexto específico da língua) pela concorrência de outra. Retomando a pesquisa de Santos (2008) sobre a ocorrência do verbo *jazer* no português contemporâneo – algo semelhante ao que se tem atribuído ao pronome *nós* –, Dias (*op. cit.*, p. 27) conclui: “Há uma redução, portanto, da frequência textual de algumas formas que tendem a desaparecer eventualmente”.

Por sua vez, pelo princípio da *persistência*, notamos que algum traço da palavra-fonte permanece no seu novo uso na língua. Nas palavras de Gonçalves *et al.* (*op. cit.*, p. 83), é o princípio que “prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada”. Desse modo, o item lexical *gente*, que implica um número plural na função de substantivo coletivo, ao passar a pronome, pela forma *a gente*, mantém esse traço, isto é, faz referência a vários seres.

Semelhantemente, é o que acontece com os verbos *ir* e *ter*. Em relação ao verbo *ir*, temos na oração “João vai ao trabalho” o sentido de movimento físico na forma plena do verbo e em “João vai falar com o seu avô”, embora o verbo tenha passado a auxiliar e exprima o tempo do acontecimento, o traço de movimento ainda pode ser inferido. Sobre o outro verbo, Dias (*op. cit.* p. 28) explica: “É o caso [...] do verbo *ter*, pois, o que se percebe é que algum traço do seu significado original (posse) ainda persiste, segundo Santos (2008), na formação da perífrase (tem comido)”.

Quanto ao princípio da *descategorização*, os itens perdem os traços da categoria em que eram reconhecidos originalmente. Por exemplo, formas plenas, como nomes e verbos, perdem a sua flexibilidade formal e sintática, e passam a exercer funções das formas mais gramaticalizadas. No caso exemplificado por Gonçalves *et al.* (*op. cit.* p. 84), o substantivo *gente*, que varia quanto ao número, grau, derivação etc., perde todos esses traços quando funciona como o pronome *a gente*. Em um sentido mais amplo, é o que podemos observar em

itens gramaticais que se tornam mais gramaticais, como o *de* e o *que*, o que será demonstrado no próximo capítulo.

3. A GRAMATICALIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES *TER DE* E *TER QUE*

Neste capítulo, mesmo que esteja em questão toda a expressão deôntica em sua variação, é descrito separadamente, à luz dos estudos de gramaticalização referidos no capítulo anterior, cada item que a compõe. Após essa descrição preliminar, são elencados alguns livros de gramática em cuja abordagem se observa o modo como a referida expressão é apresentada.

3.1. O item linguístico *ter*

Concernente ao item *ter*, é unânime entre linguistas e gramáticos, a despeito da terminologia em virtude do foco da abordagem, o reconhecimento de seu uso como verbo auxiliar. Além disso, já foi confirmado estatisticamente que esse item, na forma gramaticalizada, tem suplantado o seu concorrente *haver*, como concluem Vitral *et al.* (2010, p. 225), a partir da demonstração da tabela 01, que compara a ocorrência de um item em relação ao outro, no decorrer da linha cronológica desde o português arcaico até o contemporâneo.

Tabela 01: *Ter* gramatical e *haver* gramatical em variação

	Arcaico	Moderno	Contemporâneo	Total
Ter	19	47	81	136
Haver	87	148	15	203
Total	94	149	96	339

(*idem*, p. 223).

Desse modo, notamos o recorrente emprego desse verbo não somente quando, em perífrase, indica tempo, voz ou aspecto, mas também quando funciona como modalizador, caso que se dá na expressão que é objeto de estudo neste trabalho.

Para melhor compreensão do uso modalizador do verbo, é importante consideramos a sua distinção em relação a outros usos dessa forma que não constitui predicado. Quanto ao uso como operador gramatical, Neves (2000) põe os verbos em quatro grupos: primeiro o grupo dos que indicam modalidade, no qual estão os modalizadores; em segundo lugar, estão os que indicam aspecto; em terceiro, os que indicam tempo; e, em quarto, os que indicam voz – mas essa disposição não significa que uma forma verbal não possa estar em mais de um desses grupos, ou seja, desempenhar mais de uma função, pois é o contexto que determina o uso.

A começar pelos últimos, a autora expõe exemplos dos auxiliares que indicam voz, os quais não serão retomados aqui por não terem relação com o nosso objeto de estudo. Quanto aos verbos auxiliares de tempo, os exemplos são com *ter* e *haver* indicando passado, como

em: “Em janeiro, Menem já **TINHA CORTADO** US\$ 1 bilhão” e “A empresa **HAVIA DECIDIDO** retirar esse ponto do acordo” (NEVES, *ibidem*, p. 65). No caso dos verbos que indicam aspecto, eles podem ter aspecto **inceptivo**, quando implica início de evento; **cursivo**, que reporta ao desenvolvimento do evento, e pode se subdividir em habitual e progressivo; **terminativo** ou cessativo, quando indica término ou cessação do evento; **resultativo**, para resultado de evento; e **frequentativo**, com a ideia de repetição de evento, como no seguinte exemplo: “**TEM COMPRADO** muitos diamantes?” (*idem*, p. 63-64), além de outras ocorrências relacionadas ao aspecto.

Acerca dos modalizadores, a autora afirma que são “os verbos que se constroem com outros para modalizar os **enunciados**, especialmente para indicar **modalidade epistêmica** (ligada ao conhecimento) e **deôntica** (ligada ao dever)” (*idem*, p. 62). Em ambos os casos, ela dá exemplos indicando necessidade e possibilidade. No caso da expressão da “**necessidade deôntica** (obligatoriedade)”, um dos exemplos é: “Bentinho, amanhã **TENHO QUE** romper as estradas para Piranhas” (*idem*).

Notamos que, pelo que já se evocou a seu respeito como operador argumentativo em locução verbal, o item *ter* tem funções diversas e, entre as quais, está a que indica obligatoriedade.

Ainda acerca dos modais, Bagno (2011) sintetiza-os numa linha prototípica representada pelos verbos poder, querer e dever. Assim, o primeiro, numa ponta, indica probabilidade; o segundo, vontade; e o terceiro, na outra ponta, indica obrigação. Em outras palavras, cada um desses verbos, respectivamente, “confere ao enunciado uma modalização epistêmica, volitiva e deôntica” (*idem*, p. 572). A partir dessa descrição, o autor, assim como Neves (*idem*), também reconhece o verbo *ter que*⁵ como modalizador deôntico.

Portanto, analisado à luz dos princípios de gramaticalização de Hopper (*op. cit.*) e dos exemplos já elencados, o item *ter* – embora ainda coexista com *haver*, tenha a sua forma empregada com outras funções e com algum traço da forma plena – tem-se descategorizado para modalizador que se especializa em exprimir obligatoriedade na expressão *Deo.+prep.+inf.v.princ.*

⁵ Ressalvamos que, nem sempre, a construção do verbo *ter* + *que* + infinitivo exprimirá “deonticidade”, senão vejamos: “A categoria do tempo *tem que ver** com relações temporais na medida em que elas são expressas por contrastes gramaticais sistemáticos” (BAGNO, 2011, p. 574). Fica evidente, por esse exemplo, que a expressão linguística deve ser analisada dentro do contexto de uso.

*Itálico acrescido.

3.2. O item linguístico *de*

Em relação ao vocábulo *de*, assim como no português hodierno, verificamos que ele sempre funcionou apenas como preposição (pelo menos não encontramos nenhum registro que prove o contrário). Sobre isso, Bagno (*op. cit.*, p. 857-858) expõe um quadro a partir de uma consulta a dois renomados dicionários da nossa língua – o Aurélio e o Houaiss –, pelo qual observamos ser esse item apenas uma preposição.

Quanto a sua semântica, porém, considerando o latim clássico (*sermo urbanus*), isto é, uma variação da língua da qual o português origina-se, Rezende (2013, p. 38) afirma que essa preposição “expressa pelo menos duas ideias importantes: DE CIMA PARA BAIXO e A RESPEITO DE”. O mesmo autor, na sequência de sua obra, traz um texto de mitologia, intitulado *De fuga*, em que um dos parágrafos junto com o título exemplifica esses usos: “*Daedalus et Icarus furtum fugam parant. Mane in oram migrant et de saxo alto euolant. Supra oceanum iam sunt et de caelo insulam totam spectant*” [negrito acrescido] (*idem*, p. 39).

Confirmando a existência da primitiva ideia de ponto inicial do evento implícita na expressão “*de caelo insulam totam spectant*”⁶ – pois, pelo contexto da sentença, *de caelo* encerra o sentido de “a partir de” –, Bagno afirma que

a preposição **de**, por exemplo, tanto quanto **desde**, nos remete a um ponto de partida: saiu **de** casa; **de** 1980 em diante; **de** você para mim etc. No entanto, esse esquema cognitivo primitivo logo se dissipa, fazendo de **de** um elemento meramente funcional, muitas vezes empregado por mera servidão gramatical [...]: gostar de chocolate [...] a ponto de podermos afirmar que só existe o verbo *gostar-de* (BAGNO, *op. cit.*, p. 867).

Neves (*op. cit.*, p. 660-661), por sua vez, classifica essa preposição em duas grandes categorias, a que introduz complemento e a que estabelece relações semânticas. Dentro dessa segunda categoria, por exemplo, ela faz referência ao item exercendo, no sintagma nominal (adjunto adnominal), relação de posse: “Roubaram a **bolsa de uma mulher** num barco aqui perto”; relação de pertença, “Olha dentro dos **olhos de Hans**”; relação de matéria, “Soltávamos **virotes de papel enrolado**”, entre outras.

Ao considerarmos esses exemplos, constatamos que o sentido referente a um ponto de partida no espaço (ou no tempo) não é o único expresso pela preposição *de*, aliás, ainda que ela tenha mantido a mesma forma latina: *de* < *de*, como descrevem gramáticos da nossa língua, a exemplo de Lima Coutinho (1976), as relações de sentidos que esse item estabelece são diversas. Inclusive, o grau de abstratização do item é tal que daquele sentido primordial de

⁶ A partir do céu, viam toda a ilha.

movimento se esvazia, algo semelhante ocorre também na expressão *João tem de estudar mais*. Nesta expressão, porém, o *de* funciona como no exemplo de *gostar de* descrito acima, não somente vazio da ideia de movimento, mas também de qualquer outro sentido.

Assim, de índice indicador de movimento a partir de um ponto inicial, essa preposição, passando pelo estabelecimento de outras relações semânticas, alcança *status* de mero conectivo, apenas subordinando o complemento ao auxiliar deôntico *ter*.

Essa abstratização, que é própria do fenômeno da gramaticalização, também ocorre com o item *que* à medida que ele se descategoriza, como se verá a seguir.

3.3. O item linguístico *que*

Em relação à partícula *que*, parece não estar muito claro se ela surge do pronome relativo masculino *qui* ou do interrogativo neutro *quid*⁷. O fato é que não há como se negar a multiplicidade de uso dessa partícula, pois, inclusive, à semelhança de seu uso no latim, ocorre tanto como relativo quanto como interrogativo no português moderno. Além disso, “parece que a conjunção latina causal *quia* já na decadência se empregava com valor de integrante: ‘Creditis *quia* hoc possum facere vobis?’ (São Mateus, IX, 28)” (MACHADO, 1952, *apud* HAUY, 1989, p. 69). Ante a sua abundância usual, importa considerarmos a seguinte descrição que faz o minidicionário Aurélio (2001), além de apontar-lhe o uso como substantivo e interjeição:

Quadro 1: Funções do item linguístico *que*

<p>Que¹ <i>pron. interrog.</i> 1. Que espécie de. 2. Que coisa(s). <i>pron. excl.</i> 3. Que espécie ou feitio de, etc. Que² <i>pron. rel.</i> Introduz oração subordinada, reproduzindo o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração anterior. Que³ <i>adv.</i> Quão. Que⁴ <i>prep.</i> Exceto, salvo. Que⁵ <i>conj. coord.</i> adit. E. Que⁶ <i>conj. coord.</i> alterativa Ou. Que⁷ <i>conj. subord.</i> comparativa. Que⁸ <i>conj. subord.</i> integrante.</p>

Aurélio (2001, p. 573).

Ao lembrar que houve um processo de gramaticalização que motivou o surgimento da conjunção integrante *que* a partir do pronome relativo de mesma forma, Bagno (*op. cit.*, p. 893) propõe os seguintes exemplos como prototípicos dessa mudança: “Eu penso o seguinte: que não devíamos viajar amanhã” e “Eu penso que não devíamos viajar amanhã”. Na primeira frase, o *que* é relativo de *o seguinte*; na segunda, ele torna-se conjunção integrante. Seguindo

⁷ Para uma consulta acerca do surgimento da partícula *que*, vinda das formas latinas *qui* ou *quid*, ver Dias (2011, p. 44), Lima Coutinho (1976, p. 259-261) e Haury (1989, p. 69-70).

o raciocínio do linguista, concluímos que tal movimento levou à descategorização do item *que* como pronome, fazendo-o assumir a função de conjunção.

Além desse movimento inicial, atualmente, somente como conjunção simples ou em locução, Cegalla (2008, p. 294) aponta treze funções distintas do *que*.

Sendo assim, por ter esse item essa variedade, é evidente que as gramáticas, em suas distintas concepções, abordariam tais usos. Tendo em vista, no entanto, o propósito deste trabalho, elencamos mais uma referência que confirma, em outras palavras, o já indicado e acrescenta mais uma função ao *que*, cujo destaque é importante. Concernente a isso,

Luft (1976) afirma que a partícula *que* é o morfema que maior variedade morfossintática apresenta, pois representa diversas classes de palavras e pode exercer grande número de funções (...). As funções de *que* (...) são as seguintes: pronome interrogativo, pronome relativo, pronome indefinido, advérbio de intensidade, **preposição (quando vale por *de*⁸)**, substantivo, conjunção (aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, temporal, final, condicional, concessiva, comparativa, conformativa e integrante), partícula expletiva (LUFT, 1976, *apud* DIAS, 2011, p. 44).

A partir dessa citação, o destaque a ser feito, em relação ao outro uso do item *que*, fundamental nesta monografia, diz respeito à sua função como preposição correspondente a *de*, como em *tenho que trabalhar para bancar os estudos*. “Nesse caso, [o item] *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição” (BECHARA, 2009, p. 232). Ainda segundo esse autor, tal uso desse item é moderno. Ocorre, desse modo, mais uma descategorização do item: a princípio funcionava como pronome, depois também como conjunção e, mais recentemente, também como preposição.

Feito esse sintético levantamento dos itens *ter*, *de* e *que*, acerca da gramaticalização por que passam, buscaremos o registro de sua ocorrência quando aparecem ligados na perífrase verbal *ter de* ou *ter que* em algumas gramáticas contemporâneas.

3.4. A ocorrência da expressão “ter de/que” em algumas gramáticas contemporâneas

Embora – ao apresentar um quadro da cronologia das gramáticas do português desde o início do século XVI, com Fernão de Oliveira, até o final do século XX, com Celso Cunha – Castilho (2010, p. 448) confirme, com obra de Soares Barbosa, a ocorrência da expressão “*haver (de, que) e ter (de, que)*” a partir do séc. XIX, não encontramos tal expressão, com as duas formas prepositivas, em todas gramáticas relacionadas abaixo.

1. Gramática Metódica da Língua Portuguesa (ALMEIDA, 1964)

⁸ Negrito acrescido.

Há nesta gramática uma nota na qual a expressão linguística motivo deste trabalho é considerada a partir da seguinte pergunta: “Qual a diferença entre *ter de* e *ter que*?” (*idem*, p. 226). Em seguida, o gramático explica a diferença, abordando, por meio de exemplos, o *de* como uma preposição, na expressão que indica obrigatoriedade, e o *que* como um pronome relativo, na expressão que significa que há alguma coisa a ser feita, mas sem a ideia de obrigatoriedade, denominando tais expressões de *elíticas*⁹. Contudo, embora classifique de anomalia o uso do *que* como preposição, constata a sua ocorrência entre o povo, em geral, e entre os escritores, em particular, desde os seiscentistas, como Bernardes, até aos modernos.

2. Gramática Secundária da Língua Portuguesa (ALI, 1965)

Nesta gramática, a referência feita à expressão que ora se estuda, ocorre com os verbos *haver* e *ter*, ambos seguidos da preposição *de*. Após a demonstração dos modelos “*ter de cantar, haver de cantar*” e a afirmação de que essas “são formas usadas para exprimir necessidade, dever, obrigação”, o gramático acrescenta: “Há diferença de sentido na 1ª pessoa: *tenho de partir* indica que a ação a praticar não depende da vontade do sujeito; sucede o contrário com *hei de partir*” (*idem* p. 73). Mais adiante, quando descreve o emprego do infinitivo, retoma os verbos que denomina de “auxiliares e modificativos” entre os quais estão *ter de* e *haver de*. Dois dos exemplos desse tópico são: “*Tenho de* empregar todos os esforços” e “*Hás de* fazer o que te digo” (*idem*, p. 173). Não encontramos, contudo, o item *que* nesse tipo de perífrase nessa gramática.

3. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa (CEGALLA, 2008)

O autor desta gramática, no que se refere à perífrase verbal intercalada de preposição, com modalizador deôntico, dá apenas um exemplo com os verbos *ter* e *haver* sucedidos pela partícula *de*: “Tenho de ir hoje. Hei de ir amanhã” (*idem*, p. 200). Não foram encontrados exemplos ou referências ao uso do item *que* como preposição, embora haja uma abundante demonstração de seu uso em treze funções distintas de conjunção.

4. Nova Gramática do Português Contemporâneo (CUNHA e CINTRA, 2007)

Abordagem semelhante à descrita acima é a que percebemos nesta gramática, concernente aos elementos da expressão estudada. Nela, porém, são citados diversos exemplos transcritos de obras literárias relativamente recentes. Desses exemplos, eis alguns: “**Hei de castigá-los; havemos de castigá-los**”, para expressão da “intenção de realizar um ato

⁹ A partir do que Almeida (1964) propõe, as expressões elíticas *ter de* e *ter que* podem ser exemplificadas assim: *tenho [a necessidade] de fazer meu trabalho e tenho [algo] que fazer.*

futuro¹⁰” (*idem*, 2007, p. 474); e, “**Temos de recriar** de novo o mundo”, “Aquela hora **tinha de chegar**”, “**Temos de resolver** isso em primeiro lugar”, “para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito” (*ibidem*, p. 475). Em outra parte da obra, esses verbos são simplesmente classificados como auxiliares que, nessa perífrase, exprimem “respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato: **Tenho de fazer** exercícios. **Havemos de comprar** livros” (*idem*, p. 408-409). Desse modo, exceto em uma referência em nota de rodapé, também não se achou essa perífrase com o item *que*.

5. Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2009)

Bechara (*idem*) reconhece esses verbos – *ter* e *haver* – como auxiliares modais, que denotam necessidade, obrigação, dever. Afirma, ainda, que, mais modernamente, em vez da preposição *de*, se tem usado o **que** em perífrases do tipo “*tenho que estudar*”, (*idem*, p. 232), ocorrendo aí, como já foi referido anteriormente, o uso desse item **como verdadeira preposição**. Ele considera também o uso dessa preposição após o verbo *haver*. O autor ressalta, no entanto, que nem sempre a construção *Ter+que+inf.* atribui ao *que* a função de preposição: “Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer, tenho muito que fazer etc.*” (*Idem*).

6. Nova Gramática do Português Brasileiro (CASTILHO, 2010)

Os verbos *ter* e *haver* também são considerados nesta gramática exercendo funções semelhantes nas perífrases de infinitivo intercaladas por *de* ou *que*. Nesse sentido, quando se refere a *haver*, o autor põe-no entre os especificadores de tempo, indicando o presente do futuro, como em: “*Hei de fazer o trabalho amanhã*” (*idem*, p. 450); e, entre os especificadores de modo, exprimindo volição etc.: “*haver de falar em público*” (*idem*, p. 451). A expressão *ter de/que*, a seu turno, foi classificada apenas com os especificadores de modo que exprimem obrigação etc.: “*ter de, que falar em público*” (*idem*). Assim, o uso dos itens **de** e **que** nessa função foi indiscriminado nessa gramática. Como se nota em outras páginas, ora usa-se o item *de* em texto do próprio autor: “*tenho de amar*” (*idem*, p. 679), ora usa-se o *que* em transcrição de texto de terceiro: “*Porque tem que levantar... tem que vestir os dois...*” (*idem*, p. 427).

7. Gramática Pedagógica do Português Brasileiro (BAGNO, 2011)

No tópico em que são descritos os verbos modais nesta gramática, os que são referidos com função deôntica são *dever*, *precisar* e *ter*. O verbo *ter*, por sua vez, é sucedido tanto pela preposição *de*, como pela preposição *que*, conforme a apresentação das expressões em *ter*

¹⁰ Quanto à ideia de futuro aqui referida, os autores fazem menção à tendência da língua falada de substituir o futuro simples por estes tipos de *locuções constituídas*.

de/ter que disposta em um quadro. O exemplo elencado para demonstrar essa função do modalizador a partir de um texto efetivo, no entanto, ocorre com o item *que*: “a divisão tem que ser ABSolutamente exata... porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de briga” (*idem*, p. 573). Desse modo, o verbo *haver* sequer foi referido na categoria de modalizador nesse ponto da gramática.

8. Gramática de Usos do Português (NEVES, 2000)

Neves (*idem*), quando aborda os modalizadores de necessidade deôntica, exemplifica com uma frase cuja perífrase verbal é formada pela expressão *tenho que*: “Bentinho, amanhã **TENHO QUE** romper as estradas para Piranhas” (*idem*, p. 62). Em outras partes da obra, a autora transcreve textos que também podem ser usados para demonstrar a função de obrigatoriedade da locução: “*Tínhamos de ceder em certas coisas*” (*idem*, p. 678) e “*Tenho que encontrar um pato nestas ruas transversais*” (*idem*, p. 516). Assim, o item *de* e o *que* funcionam com o verbo *ter* na perífrase *Deo.+prep.+inf.v.princ.*, com uma inferência de predominância do *que* sobre o *de*.

Da abordagem dessas gramáticas analisadas, observamos que, (1) somente a primeira, embora constate o uso diverso, classifica de anomalia a ocorrência do *que* como preposição; (2) somente a terceira não explica a função dos modalizadores; (3) das cinco primeiras, apenas a de Bechara reconhece abertamente o uso do item *que* como preposição; (4) as três últimas recortam exemplos de fontes diversas com os dois itens exercendo função de preposição na expressão *Deo.+prep.+inf.v.princ.*; (5) das que comparam a modalização de *haver* e de *ter*, todas distinguem as suas funções, afirmando que o primeiro exprime volição e o segundo, obrigação; (6) todas, exceto a terceira, fazem referência às expressões *ter de* e/ou *ter que* como índices de obrigatoriedade.

Feita essa constatação de mudanças por que passou cada item linguístico da expressão estudada neste trabalho e após o levantamento do modo como algumas gramáticas tratam-na, passamos à descrição da metodologia que adotamos para a análise dessa expressão linguística.

4. METODOLOGIA

4.1. Natureza e tipo da pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa. Segundo Moreira e Caleffe (2008, p. 73), tais abordagens “podem ser usadas no mesmo estudo”, do que se depreende que, do ponto de vista qualitativo, como sugerem os próprios autores, o trabalho se dá pela análise do dado verbal. Nesse sentido, analisamos o objeto quanto à sua funcionalidade como índice de obrigatoriedade, ocorrendo com o item *de* ou com o item *que*. Do ponto de vista quantitativo, há uma relevância dos dados numéricos para a obtenção dos resultados. E, segundo Cezario (2012, p. 25), é a frequência de uso que determina a gramaticalização na língua, por isso, faz-se necessária a informação quantitativa, pois é por meio desse levantamento que podemos depreender o grau de gramaticalização.

Quanto ao tipo, esta pesquisa é de cunho descritivo-interpretativo, tendo em vista que, além de descrevermos os usos atuais dos itens linguísticos dessa perífrase nos contextos linguístico e extralinguístico (quando consideramos aspectos fonético-fonológicos e sintáticos e de gênero e de regionalidade), buscamos interpretar esses elementos, relacionando-os aos princípios de gramaticalização, no intuito de obtermos as respostas para os nossos questionamentos. E, apesar das discussões acerca da subjetividade relacionada a uma pesquisa interpretativa, como indicam Moreira e Caleffe (*op. cit.* p. 65), usamos o termo mais em um sentido de ponderar em que esses elementos observados apontam para a mudança da perífrase em estudo, mesmo sabendo que as respostas não são conclusivas.

4.2. Coleta e transcrição de dados

Os dados para análise foram coletados no site G1 de cada Estado brasileiro, no período de 02 (dois) de fevereiro a 29 (vinte e nove) de março de 2017. Foram consultadas reportagens e entrevistas divulgadas por escrito ou em vídeo. A seleção desses textos seguiu dois procedimentos: busca aleatória e busca por meio das seguintes palavras-chave: “G1 PB reivindicação”, “G1 PB apelo” e “G1 PB protesto” (para cada Unidade Federativa, mudamos apenas a sigla). Essas palavras-chave foram escolhidas por se relacionarem a atitudes de imposição por parte dos locutores. Como nosso objeto de estudo são modalizadores deônticos, elas poderiam identificar textos em que os modalizadores em questão se encontrassem. De um número indeterminado de buscas feitas em todos os Estados, o objeto de estudo foi encontrado em 19 (dezenove) deles, conforme dispomos no gráfico 02.

Feita a busca no *site*, procedíamos assim: primeiramente, verificávamos se o arquivo tinha, além do texto escrito, algum texto oral (em vídeo). Os arquivos somente de vídeo foram

ouvidos. Quanto aos que tinham também o texto escrito, começávamos pela leitura desse texto e, quando encontrávamos o objeto de estudo, conferíamos se ele também ocorria no vídeo. Em caso de o texto escrito não apresentar a expressão *ter de* ou *ter que*, descartávamos o arquivo. Nesse sentido, os textos escritos foram acessados apenas como mecanismo de facilitação das buscas (exceto nos casos dos textos¹¹ com os enunciados dos informantes 16 e 39 e no exemplo relativo ao português europeu, como veremos no capítulo de análise), pois o nosso alvo eram os textos orais. Todas as ocorrências¹² dessas expressões encontradas nos vídeos foram transcritas, sendo 63 *ter que* e 2 *ter de*, conforme vemos no gráfico 02. E esses vídeos, cujas ocorrências do objeto de pesquisa foram transcritas, foram publicados entre julho de 2013 e março de 2017.

A transcrição seguiu as orientações propostas pela teoria da Análise da Conversação (AC), com algumas adaptações. Por exemplo, não omitimos o “r” morfema de infinitivo e usamos o sinal de prolongamento de vogal. O quadro 02 apresenta as convenções de transcrição usadas.

Quadro 02: Convenções de transcrição usadas neste trabalho

Sinais	Significados
Inf.01	Abreviatura que indica o informante, nesse caso, o informante 01
...	Indica pausa
::	Indicam o prolongamento das vogais
:::	
(ininteligível)	Significa que parte do áudio representada por esse símbolo não foi compreendida
/	Indica truncamento de palavras ou mudança sintática
(...)	Indica supressão de enunciado

Observação: este quadro é uma adaptação do modelo elaborado por Dionísio (2001, p. 76)

Quanto à representação fonológica de elementos linguísticos constituintes da perífrase deôntica analisada, baseamo-nos em Seara *et al.* (2015)¹³, conforme adaptação apresentada no quadro 03:

Quadro 03: Símbolos fonológicos usados nesta monografia

Letras	Fonemas	Exemplos
‘s’	/s/	Teve que seguir

¹¹ Os textos escritos que foram considerados foram acessados na mesma data dos textos orais que lhes são relativos.

¹² Todas as ocorrências do objeto desta pesquisa podem ser consultadas em apêndice, pela ordem dos informantes. Os informantes estão ordenados do Inf.01 ao Inf.47 (do Arquivo I ao Arquivo XXXII). Também por meio do *link* relativo a cada um desses arquivos, todas as ocorrências podem ser confrontadas.

¹³ Neste trabalho, são usados alguns símbolos arquifonêmicos. Dentre eles, o arquifonema /N/, que baseia-se na corrente teórica que considera haver no português do Brasil apenas sete vogais orais. Os demais arquifonemas representam as variações fonéticas (SEARA, *et al.*, 2015, p. 109; 114-116; 168-170).

‘q’ e ‘c’	/k/	Tiveram <i>que</i> contrair
‘t’	/t/	Tem <i>que</i> ter
‘d’	/d/	Ter <i>que</i> dar
‘r’	/R/	Ter <i>que</i> trabalhar
‘m’	/N/	Tem <i>que</i> pular
‘s’	/S/	Temos <i>que</i> fazer

4.3. Informantes da pesquisa

Os informantes da pesquisa foram 30 homens (64%) e 17 mulheres (36%), perfazendo um total de 47 pessoas, residentes de todas as regiões do Brasil – a distribuição regional e a ocorrência linguística estão descritas nos gráficos 01 e 02, abaixo. No gráfico 01, temos o número total de informantes e de ocorrência da expressão deôntica em cada região do Brasil, independentemente do item conectivo usado, isto é, 15 informantes e 22 ocorrências da perífrase, na região Nordeste; 11 informantes e 19 ocorrências, na região Norte; 5 informantes e 5 ocorrências, na Centro-Oeste; 10 informantes e 11 ocorrências, na Sudeste e 6 informantes e 8 ocorrências na região Sul. No gráfico 02, dispomos o número de ocorrência, em cada Estado.

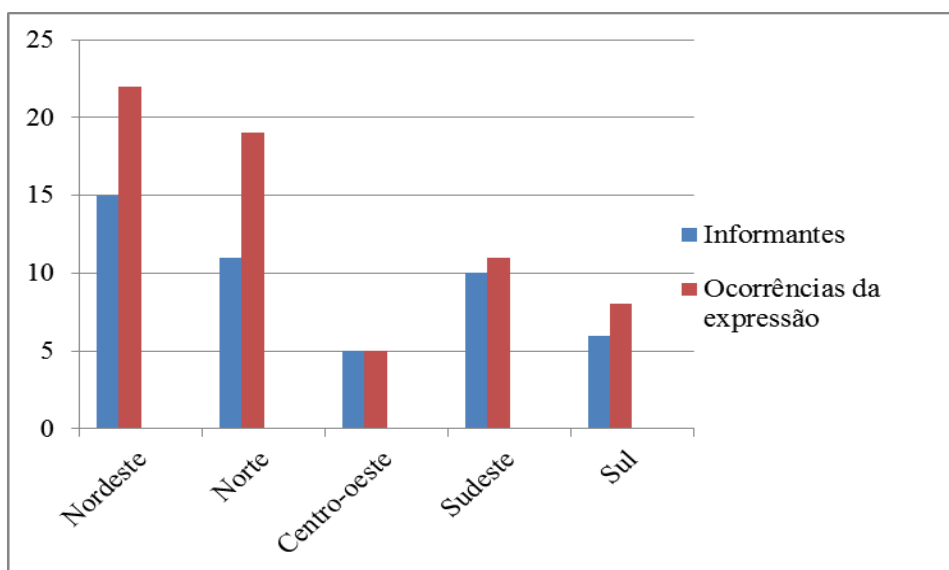


Gráfico 01: A distribuição, por região do Brasil, do número de informantes e de ocorrência da expressão analisada

Considerando os dados do gráfico 02, ressaltamos, de antemão, que a representatividade numérica, embora preliminar (sobretudo em razão do número de uso dos itens encontrados em cada Unidade Federativa do Brasil [UF]), foi atribuída ao número de Estados por região geopolítica. Por exemplo: a região Centro-Oeste tem dois Estados representados: Goiás e Mato Grosso do Sul, perfazendo um total de dois Estados ou 67% das UF dessa região. Neste caso, cada região está representada por mais de 50% de suas Unidades

Federativas, ou seja, além da região Centro-Oeste, a região Nordeste tem 67% de seus Estados representados; a Norte, 57%; a Sudeste, 100% e a Sul, 100%.

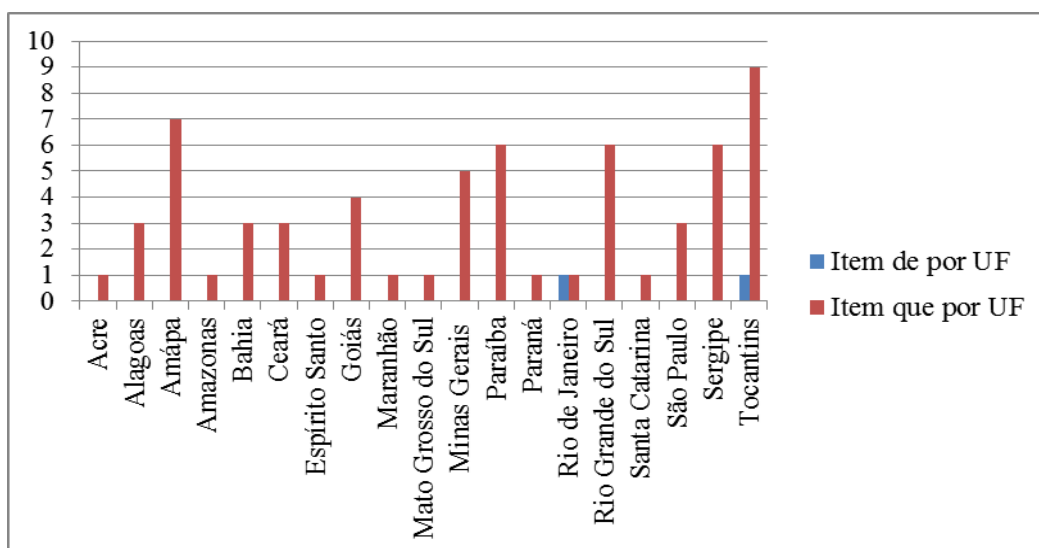


Gráfico 02: Ocorrências dos itens *de* e *que* por UF, relacionadas à perífrase analisada

Entre os 47 informantes, identificamos 17 profissionais cuja formação é de nível superior. Os outros informantes não tiveram suas profissões publicadas ou elas não pressupõem formação acadêmica, por isso não são relacionados quanto ao seu grau de escolaridade. Assim, a tabela 02 apresenta as profissões de nível superior.

Tabela 02: Discriminação das profissões que pressupõem formação acadêmica

	Profissão	Homens	Mulheres	Total
1	Jornalista	4	1	5
2	Professor*	1	3	4
3	Padre	1	0	1
4	Advogado	3	1	4
5	Médico	1	0	1
6	Administrador	1	1	2
Total por gênero e total global		11	6	17

*Nesta profissão estão incluídas a diretora de escola e a secretária de Educação¹⁴.

Feita essa descrição metodológica, passamos ao capítulo da análise dos dados.

¹⁴ A informação que comprova a escolaridade da secretária de Educação está disponível em: <<http://pousoalegre.net/noticia/2016/12/confira-o-curriculo-dos-secretarios-e-superintendentes-da-gestao-de-rafael-simoes/>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

5. O USO DAS EXPRESSÕES “TER DE...” E “TER QUE...” POR FALANTES DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Neste capítulo que contém a análise dos dados coletados, consideramos os princípios suscetíveis de descreverem a gramaticalização da expressão em estudo. Tendo em vista não termos dados estatísticos representativos, nossa análise não apresenta uma resposta que se pretenda final, mas estimuladora de estudos mais robustos em profundidade e representatividade.

5.1. Falantes de português e uso da expressão deôntica em estudo

Levando em consideração o *corpus* da nossa pesquisa, observamos se há relação entre o uso das expressões *ter de* e *ter que* e o gênero dos falantes, a região onde eles habitam ou mesmo a formação acadêmica, como demonstramos a seguir.

Em primeiro lugar, concernente ao gênero dos falantes, verificamos que tanto homens quanto mulheres usam as expressões *ter de* e *ter que*, em coocorrência, embora *ter que* se sobressaia, configurando-se como a concorrente a se estabelecer. Considerando que, entre nossos informantes, o número de homens (30) é maior do que o de mulheres (17), como foi visto no capítulo de metodologia, verificamos quantos homens e mulheres isoladamente utilizam cada expressão, para considerarmos percentualmente, quanto cada grupo a usa.

Sabendo que, conforme nos mostra o gráfico 02 (p. 31), houve duas ocorrências da perífrase com o conectivo *de* em Estados diferentes – do que depreendemos que apenas dois informantes ou 4,3% usam esse item linguístico –, consideramos agora pelos informantes de qual gênero um dos itens é mais usado na perífrase em estudo. Para isso, lançamos mão dos números do gráfico 03.

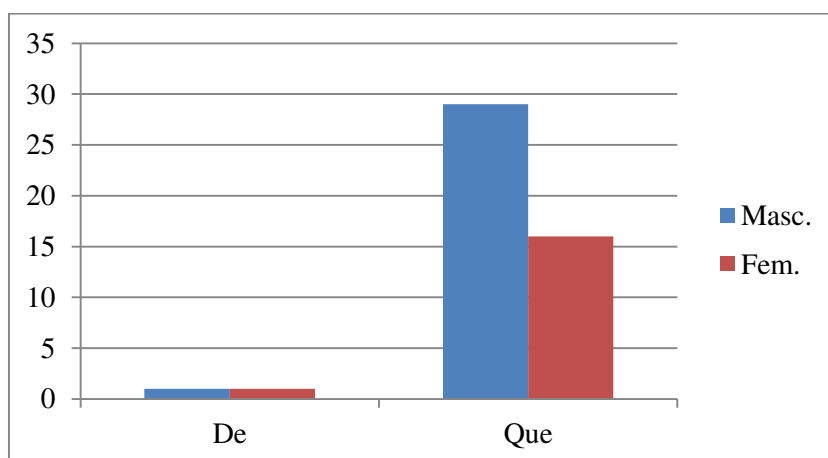


Gráfico 03: Número de informantes que usam o *de* ou o *que* na perífrase *Deo.+prep.+inf.v.princ.*

Constatamos, pelos dados do gráfico 03, que o número de informantes que usam o *que* como preposição na perífrase *Deo.+prep.+inf.v.princ.* é de 45, sendo 16 mulheres e 29 homens, o que significa que 95,7% (45/47) dos informantes usam esse item. Além disso, considerando o gênero dos informantes separadamente, vemos que 94,1% (16/17) das mulheres e 96,6% (29/30) dos homens usam o item *que*. Também é apresentada uma igualdade entre homens e mulheres que usam o item *de*, ou seja, um informante de cada gênero usa o item menos recorrente. Mas isso não significa, em termos proporcionais, que há mais mulheres que homens usando o *de*, pois o número de homens usuários do item *que* não corresponde ao dobro do número de mulheres (para que esse dobro acontecesse seriam necessários 32 homens para 16 mulheres consultadas. Nesse caso, se não houvesse dois homens para uma mulher usando o *de*, teríamos um indício de que mais mulheres que homens usam esse item, mas isso não ocorre).

Sendo assim, tomando como referência o número de informantes que usam o item ou a expressão perifrástica mais recorrente, a diferença percentual entre homens (96,6%) e mulheres (94,1%) é muito pequena, logo, consideramos um uso proporcional entre os gêneros.

Em segundo lugar, consideramos a formação acadêmica dos informantes analisados.

Ao observarmos essa formação, é necessário estarmos cientes de que a língua tende a mudar. Nesse sentido, presumivelmente, quanto mais o informante for escolarizado, mais tende a usar o que se padronizou na língua e quanto menos escolarizado, mais usará as formas que não se padronizaram – estas, tidas, muitas vezes, como inadequadas. Seguindo esse raciocínio, e considerando-se o fenômeno da gramaticalização, se um item linguístico for usado frequentemente por sujeitos mais escolarizados, isso é um indício de que ele se gramaticalizou ou está em estágio avançado dessa mudança.

Dito isso, notamos que, se o item *que* – o qual é o mais recorrente – da perífrase *Deo.+prep.+inf.v.princ.* percorreu esse caminho na sua gramaticalização – isto é, começando dos sujeitos menos escolarizados para os demais –, isso se torna imperceptível mediante a uma abordagem sincrônica, visto que sua ocorrência já é comum entre os sujeitos com formação acadêmica, como vemos na tabela 03 (p. 35).

Acerca desse uso recorrente entre os sujeitos acadêmicos, que apresenta uma variedade culta da língua, elencamos os exemplos 01 e 02, traçando uma comparação dos usos desses informantes (exemplo 01) com uma variedade não padrão da língua (exemplo 02).

Exemplo 01:

Inf.47: Conforme um acordão, que foi pro Tribunal de Contas, nós **temos que fazer** a revisão de todos os projetos antes de começar a execução deles.

Inf.25: Eu tenho certeza que não foi feito um estudo, nesses conjuntos habitacionais, e acabou pra eles a regra geral de consumo de energia. Então a regra é: você consumiu, por esse consumo **tem que pagar**.

Inf.36: Então em curto tempo não dá pra gente ter uma solução imediata, mas vamos tentar parcerias com algumas instituições filantrópicas do bairro, pra ver se dá pra acolher essas crianças. Só que, também, para acolher as crianças, é preciso que se tenha um padrão que é exigido, né? Então nós **temos que ficar** atentos a tudo isso.

Exemplo 02:

Inf.20: Primeiro eles **têm que fazer** rodoanel, ele **tem que definir** rota pra onde rodar, porque caminhão não pode parar!

Inf.13: A gente **tem que tá procurando** a pessoa pra puder dar aerosol aos nossos filho. E tem mais uma, viu: uma vez truxe a minina também cansadinha aí e pra atender, e disse que não tinha vaga.

Inf.12: A médica é disputada, é quatro vaga que tem. Todo mundo que chega, pra tudo/de manhã mesmo, **tem que chegar** cinco, quatro hora da manhã pra pegar uma vaga.

No exemplo 01, em que todos os informantes têm formação acadêmica, o item linguístico intermediário da perífrase *Deo.+prep.+inf.v.princ.* foi o *que*. Notamos que nenhum desses informantes usou essa perífrase para indicar outra coisa senão que era do dever do sujeito da oração principal realizar o que o verbo principal implica. E essa implicação semântica de obrigatoriedade é a mesma percebida nos enunciados de informantes que usam uma variedade não padrão da língua, conforme o exemplo 02, os quais optaram pelo mesmo item conectivo nessa perífrase.

Os enunciados do exemplo 02 consistem de uma variedade linguística afastada da norma padrão, devido a algumas características como a não concordância nominal “nossos filho”, Inf.13; “quatro vaga” e “quatro hora”, Inf.12; assim como a monotongação do verbo trazer (truxe), na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, Inf.12.

Desse modo, o uso do *que*, nesse contexto, apresenta-se comum não somente entre os sujeitos cuja variedade linguística é mais afastada da norma padrão (exemplo 02), mas também entre aqueles que têm nível superior, cuja variedade linguística é mais aproximada à norma padrão (exemplo 01).

Para uma constatação a partir de dados numéricos, quanto a esse uso, apresentamos a tabela 03. Por ela, comparando a frequência de uso dos itens concorrentes, observamos que a frequência do item *que* entre os informantes com formação acadêmica está acima 94%, à

semelhança do que ocorre entre os demais informantes, acerca dos quais não pudemos definir a escolaridade.

Tabela 03: O *de* e o *que* da perífrase *Deo.+prep.+inf.v.princ.* entre os informantes acadêmicos

	Nº e percentual total de informantes		Nº e percentual de informantes por categoria			
			Usou o item <i>de</i>		Usaram o item <i>que</i>	
Com formação acadêmica	17	36,17%	1	5,8%	16	94,1%
Grau de escolaridade não identificado	30	63,83%	1	3,3%	29	96,7%
Total	47	100%				

Os dados da tabela 03 nos informam que mais de 1/3 (36,17%) dos informantes consultados tem formação acadêmica e que 94,1% deles usam a forma perifrástica que se sobressai ao *ter de*.

Em terceiro lugar, acerca da eventual influência da região dos falantes sobre a escolha por um dos itens concorrentes nessa perífrase deôntica, observamos o número de informantes em cada região geopolítica do Brasil. E ressaltamos, de antemão, que os informantes que usam o item incomum (*de*) são das regiões norte e sudeste do país e apenas um informante em cada região, conforme apresentamos no gráfico 05.

Para essa observação à luz do critério diatópico, consideramos os dados do gráfico 05 a seguir.

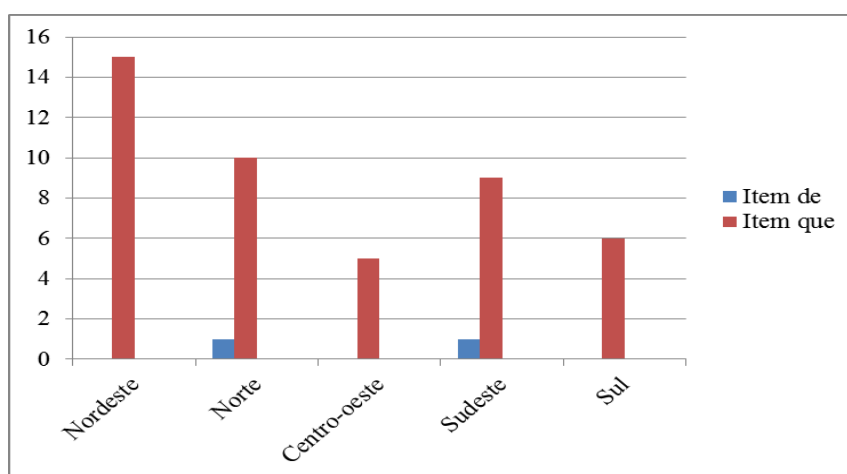


Gráfico 05: Número de informantes que usam um dos itens, em cada região do Brasil

À primeira vista, o que se pode depreender das informações desse gráfico é que a região nordeste tende a não usar o *de* na perífrase em análise, indicando que a

gramaticalização do *que*, nesse contexto, tem fortalecido o seu processo nessa região. Todavia, ao considerarmos as demais regiões – mesmo que o número de informantes seja reduzido –, constatamos que, das duas regiões (Norte e Sudeste) com maior número de informantes (11 na região Norte e 10 na região Sudeste), apenas uma mediana de 9,5% do número de informantes optam pelo *de* nesse contexto linguístico.

Assim, apesar da limitação do número de dados, fica notório, pelos dados da pesquisa, haver uma predominância do uso do *que* junto ao *ter* na perífrase deôntica em todas as regiões do Brasil.

Além do que já afirmamos acerca dessa gramaticalização do *que* no referido contexto linguístico, sob o critério regional, também destacamos que essa variação não é um fenômeno presente somente no Brasil, pois seu uso também se dá em Portugal. Ainda que não seja nosso foco a comparação com o português europeu, verificamos, em dados orais coletados de uma reportagem divulgada na internet¹⁵, enunciados de três juristas, acerca das decisões dos tribunais portugueses em conflito com as do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. Nesses enunciados, constatamos que, no uso da perífrase *Deo+prep.+inf.v.princ.* pelos portugueses, também há ocorrência dos itens *de* e *que*, conforme os dados do exemplo 03.

Exemplo 03:

Jurista 01 (resposta à repórter da RTP, acerca do respeito que os tribunais [inclusive os portugueses] devem ao TEDH – Tribunal Europeu dos Direitos do Homem):

...a única coisa que posso te dizer é que, embora não haja nenhuma vírgula expressa, **tem que haver** um respeito, porque é uma jurisprudência que é quase que unânime sobre a matéria que está a discutir (1º áudio, min. 0:37 – 0:49).

O que está a se dizer em termos do nível do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem **tem de ser observado**, e deve ser observado, porque faz parte das regras internacionais que existem (1º áudio, min. 2:24 – 2:35).

Duas constatações devem ser feitas a partir do exemplo 03. A primeira concerne ao uso diverso pelo mesmo falante. Nesse caso, na primeira ocorrência, a perífrase que implica o dever de respeitar – portanto, deôntica – é intercalada pelo item *que*; porém, na segunda ocorrência, também implicando uma obrigação, relacionada à observância da declaração do TEDH, o item conectivo usado – que exerce a mesma função e é igualmente vazio de sentido – é o *de*. A segunda constatação feita nesse exemplo 03, ao compararmos o áudio com o texto escrito da reportagem, foi a de que o editor, ao transcrever esses enunciados, desconsiderou

¹⁵ Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/pais/portugal-soma-condenacoes-no-tribunal-europeu-dos-direitos-do-homem-o-que-dizem-os-juristas_es981931>. Acesso em: 22 fev. 2017.

esse uso diverso que o jurista fez da forma prepositiva. O editor usou o item *que* nos dois enunciados¹⁶.

Quanto ao uso dessa perífrase pelos outros dois juristas, um deles optou sempre pelo item *que* e o outro, pelo item *de*. Em relação ao primeiro desses juristas (a advogada Isabel Meirelles), durante uma fala de 5min20s entre ela e o seu interlocutor (ver o terceiro áudio da reportagem), constatamos que ela repetiu essa perífrase três vezes e não houve transcrição delas pelo editor do texto. Concernente ao segundo deles (o advogado Rogério Alves), durante uma fala de 6min37s (ver o quarto áudio dessa reportagem), houve o uso da referida perífrase por sete vezes com o item *de* e o editor foi fiel na sua transcrição, quando se reportou a ela.

Desse vislumbre à ocorrência dessa perífrase no português europeu, constatamos existir a concorrência entre as expressões *ter que* e *ter de*, seja na escrita de um mesmo falante, seja na oralidade de outrem, ou na oralidade entre falantes de português.

Feito, portanto, esse levantamento relacionado ao uso gramaticalizado da expressão *ter que*, independentemente do gênero do falante, da região onde habita e de ter formação acadêmica, voltamo-nos a uma consideração a partir dos princípios de gramaticalização apresentados no capítulo 2.

5.2. A especialização do item *que* seguido ao *ter* no falar contemporâneo

A partir do princípio da especialização do item linguístico, direcionamos a nossa atenção à função do *que* na perífrase verbal com o deôntico *ter+prep*. Como retomamos no capítulo 2, a descrição dos itens “aí” e “a gente” exercendo função distinta das que lhes eram próprias, observamos, neste tópico, como ocorre esse processo com o item em estudo, lançando mão dos usos recorrentes dos discursos dos brasileiros na atualidade.

Ao consultarmos gramáticas com proposta prescritiva, notamos que, apesar de reconhecerem esse item desempenhando diversas funções, como se pode conferir no capítulo 3, ou não referenciam o *que* como preposição, ou classifica de anomalia tal uso. Contudo, outros estudiosos não somente referenciam esse uso, mas também o legitimam. Posta essa divergência, portanto, verificamos, pelo uso efetivo da língua, se há funcionalidade para esse item no papel de preposição nessa perífrase.

Inicialmente, destacamos que a especialização do referido item ocorre independentemente do contexto fonético-fonológico¹⁷. Isso significa que, tenham os fonemas

¹⁶ O arquivo relativo a esse texto e a todos os áudios dessa reportagem está disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/pais/portugal-soma-condenacoes-no-tribunal-europeu-dos-direitos-do-homem-o-que-dizem-os-juristast_es981931>. Acesso em: 22 fev. 2017.

consonantais¹⁸ adjacentes ao elemento preposicional mais traços ou menos traços em comum com esse elemento, o *que* tem sido tomado pelos falantes para uma função que tradicionalmente, como constatamos em alguns livros de gramática, é própria do item *de*. Observemos o exemplo 04.

Exemplo 04:

Inf.39: O DER disse que, por causa da crise econômica, o cronograma de recuperação das estradas estaduais **teve de ser** adiado, mas que faria reparos emergenciais¹⁹.

Inf.41: (...) o que aconteceu foi que, desde 2013, quando a gente teve uma seca muito intensa no país inteiro. Por conta disso, todas as termelétricas **tiveram que ser** ligadas e, no ano passado, a conta/esse custo pro Brasil das termelétricas acionadas ele foi é:: superior a R\$ 20.000.000.000,00.

Inf.44: **Tem que ser** especializado pra fazer uma obra dessa complexidade, e nesse terreno, também, que é um terreno complicado.

Inf.08: Ela não teve mais nem como fazer a manobra, **teve que seguir** pra pegar a BR.

Ao considerarmos o fonema /s/, que inicia o verbo principal da perífrase deôntica (ser), constatamos que seus traços fonético-fonológicos não influenciam o uso do *que*, pois encontramos tanto o *de* quanto o *que* no mesmo ambiente: *teve de ser / tem que ser*. Ou seja, o item *que* se especializa como índice de obrigatoriedade apesar de o fonema destacado ser idêntico ao que ocorre com a partícula *de*. Os fonemas /s/ e /k/ só se assemelham quanto ao traço vozeamento (ambos são desvozeados), assim como /s/ aproxima-se ao /d/ apenas quanto ao ponto de articulação (o primeiro é alveolar e o segundo é dental-alveolar). E ainda que o fonema dessa posição tenha somente um traço que o diferencie do /d/ do item *de* (o vozeamento, caso do /t/ do verbo *ter*), ou lhe seja idêntico (caso do /d/ dos verbos *dar* e *definir*), ocorre a especialização do *que*, como vemos no exemplo 05:

Exemplo 05:

Inf.14: Não tem condição esse posto. Ou resolve tudo de uma vez ou é melhor fechar as porta duma vêi. Manda a gente pro 24Hora, a gente **tem que ter** o 24Hora é aqui na Coroa do Mêi, que a gente mora aqui na Coroa do Mêi. Nós num mora no Augusto Franco!

Inf.42: A coisa piorou dum jeito que, na hora de sair de casa, cê **tem que:: dar** um jeito de sair pra fora, abrir portão, olhar pra lá e pra cá. Tá horrível, terrível, terrível!

Inf.20: Primeiro eles têm que fazer rodoanel, ele **tem que definir** rota pra onde rodar, porque caminhão não pode parar!

¹⁷ Ressalvamos que não é nosso propósito aqui discutirmos as especificidades da Fonética e da Fonologia.

¹⁸ Não serão considerados fonemas vocálicos, pois eles são idênticos nas duas formas prepositivas da perífrase em análise.

¹⁹ Esse texto pôde ter sido escrito, pois, na reportagem, apenas se ouvia a voz do repórter.

Esse item também se especializa independentemente do fonema por que termina o verbo modalizador, como podemos observar nos enunciados dos Inf.26 e 47; Inf.22; Inf.23 e 33, respectivamente representados pelos seguintes arquifonemas: /S/, /N/ e /R/. Vejamos o exemplo 06:

Exemplo 06:

Inf.26: Supercomplicado, porque::, além de ter nossas obrigações, no/nossos funcionários, nossos/nossos custos, **temos que::, já praticamente, separar um::/um dinheiro pra/prá bandidagem**

Inf.47: Conforme um acordão, que foi pro Tribunal de Contas, nós **temos que fazer** a revisão de todos os projetos antes de começar a execução deles.

Inf.22: Nós temos uma resolução que, não necessariamente, eles **têm que tá** no gabinete. Esse gabinete aqui só tem duas salas/uma sala, não dá pra acomodar nem cinco servidores... Imagine 65? Agora eles estão nos municípios, prestando os trabalhos deles.

Inf.23: Com certeza. Aí entra. Se houver a prisão dele, normalmente a gente vai **ter que encaminhar** o caso dele para o Conselho de Ética dessa Casa.

Inf.33: Vai dificultar muito pro trabalhador, **ter que trabalhar** mais, contribuir mais.

Após verificarmos as expressões negritadas dos enunciados desses informantes, notamos que o item *que* ocorre após os diversos fonemas possíveis, inclusive diante de suas variações fonéticas. Por exemplo, na expressão “temos que...” do Inf.26, o “s” é marcado pelo fone [ʃ], como no caso do “ch” de “acho”, e no “temos que...” do Inf.47, o “s” é marcado pelo fone [s], como no caso do “s” de “separar”, mas o item em estudo ocorre indiferentemente a essas diferenças fônicas.

Além dessa constatação de que a especialização do *que*, na modalização com *ter*, não se relaciona com o contexto fonético-fonológico, notamos que esse processo também ocorre apesar das interposições de elementos, que precedem ou sucedem o conectivo, entre os dois verbos da perífrase. Nesse sentido, voltamos nossa atenção para as ocorrências do exemplo 07

Exemplo 07:

Inf.10: A gente **tem que se esforçar** dobrado, tem que mostrar que pode fazer duas vezes, né, tem que fazer mostrando que/que faz e faz bem feito, pra ser aceito, pra que os outros vejam que você não é frágil, que você não é alguém pra eles tomarem conta, você é alguém com quem eles podem contar no dia a dia, durante as ocorrências... de bombeiro.

Inf.11: Pra aprendizagem... o professor vai **ter que se rebolar** muito e a criança vai **ter que se concentrar** também.

Inf.04: (ininteligível) necessita muito rápido de uma reforma/de um recapeamento... Às vezes tem/**tem até que sair** fora da... da rodovia pra... pra/prá trafegar. É complicado aqui.

Inf.26: Supercomplicado, porque::, além de ter nossas obrigações, no/nossos funcionários, nossos/nossos custos, **temos que::, já praticamente, separar um::/um dinheiro pra/prá bandidagem**.

Embora os dados coletados não contenham o uso do *de* com as interposições sintáticas percebidas acima, percebemos o item *que* exercendo a mesma função na perífrase. No caso dos Inf.10 e 11, ocorre apenas uma próclise do pronome átono ‘se’, ficando o *que* junto ao deôntico. Por outro lado, quando o Inf.04 usa a palavra ‘até’ com a ideia de “inclusive”, põe-na entre o deôntico e o *que*, esse recurso também pode ser considerado um preenchimento de fronteira entre verbos, marcando o planejamento do falante sobre o que vai falar em seguida, algo que, no enunciado destacado, inferimos pela repetição do verbo *ter*. E, finalmente, o Inf.26, ainda que não separe o primeiro verbo da preposição, interpõe na perífrase um sintagma adverbial, funcionando, ao mesmo tempo, como um elemento que preenche fronteira – dado o alongamento da vogal do *que* –, enquanto o falante elabora o seu enunciado, e como um reforçador do índice de obrigatoriedade. Em todos esses casos, porém, o conectivo permanece invariável. Ou seja, a especialização em apreço é indiferente também a essas interposições sintáticas na perífrase.

Em outras palavras, se esse item, ao ser posto no contexto específico ora analisado, desempenha a função almejada, o que se dizer em contrário?

Vejamos, então, a função do item *que* no exemplo 08:

Exemplo 08:

Inf.17 (Deputado estadual): A arrecadação do Estado caiu, a receita corrente líquida, que nos permite e nos dá os índices. Então nós ultrapassamos o índice e infelizmente nós **temos que ajustar** a Casa, pra respeitar as leis e enquadrar a nossa folha de pagamento conforme o índice, que é de 1.77, o máximo.

Interlocutor do Inf.23 (Repórter): Dependendo do rumo desse processo, aí entra em cena o Conselho de Ética da Câmara?

Inf.23 (Vereador): Com certeza. Aí entra. Se houver a prisão dele, normalmente a gente vai **ter que encaminhar** o caso dele para o Conselho de Ética dessa Casa.

Esses dois casos do exemplo 08 apresentam-se representativos da especialização do item em estudo, pelas seguintes razões: em primeiro lugar, a expressão deôntica *ter que* está reforçada pela ideia de cumprimento de leis, o que deixa evidente o índice de obrigatoriedade; além disso, o uso do item *que* na referida expressão não confere prejuízo semântico a esses enunciados.

Quanto à primeira razão, verificamos que a ação de ajustar a Casa, devido ao limite de gastos, expressa pelo Inf.17, e a de encaminhar o caso de eventual prisão de um vereador para o Conselho de Ética, expressa pelo Inf.23, não lhes são opcionais. E essa obrigatoriedade está expressa pelo modalizador deôntico *ter que*, além do reforço do contexto; ou seja, não podemos afirmar, por esses dois motivos, não se tratar de uma obrigação. Ressaltamos, no

entanto, que esse índice de obrigatoriedade da referida expressão não está ligado somente a contexto legal, mas a todos nos quais ocorre essa perífrase deôntica, mesmo em contexto do âmbito privado, pessoal, quando a sensação de obrigação parte do sujeito que esteja diante de circunstâncias quaisquer que lhe imponham algum dever, como nos casos dos Inf.04 e 26, referidos no exemplo 07.

Por sua vez, o segundo fator, que destacamos neste tópico, reforçador da especialização do item *que* dessa perífrase deôntica, refere-se diretamente a sua ocorrência sem prejuízo semântico da expressão. Nesse sentido, podemos comparar o uso desse item com o seu concorrente *de*, pois sabemos que – conforme preveem gramáticas que usam o mesmo critério da primeira elencada no tópico 3.4 (A Gramática Metódica da Língua Portuguesa) –, a função de subordinar o infinitivo pleno dessa perífrase ao seu modalizador é exercida pela preposição *de*. Assim sendo, ao ser substituído o *que* destacado nos usos do exemplo 06 por *de*, bem como o dos exemplos anteriores, constatar-se-á não haver mudança de sentido na perífrase, nem de função do item intermediário. Posto em outras palavras, o item *que* se especializou, nessa perífrase, em desempenhar a função do item *de*.

Constatada, portanto, essa especialização, faz-se necessária uma verificação de sua consequência comum: a concorrência entre esses itens com funções equivalentes. Esse efeito será analisado no tópico seguinte.

5.3. A concorrência entre as expressões deônticas *ter que* e *ter de* na frequência de uso

Sendo assim, procedemos à análise da concorrência dessas expressões a partir do número de ocorrência de cada uma, para verificarmos como esse princípio de gramaticalização apresenta-se com essa nova informação. Para isso, levantamos os dados que estão expostos na tabela 04.

Tabela 04: Número de ocorrência da perífrase *Deo+prep.+inf.v.princ.* com *de* e com *que* encontrado no *corpus* da pesquisa

Itens conectivos	<i>De</i>	<i>Que</i>	Total
Nº de ocorrência	2	63	65
Percentual	3%	97%	100%

Os dados dispostos nessa tabela indicam que, embora esses itens linguísticos dependentes coocorram, isto é, existam ao mesmo tempo desempenhando a mesma função no referido contexto de uso, o item *que* não somente se especializou na função do item *de*, mas também tem sido mais frequente em 97% dos casos elencados. Desse modo, tal concorrência tem levado o *de* ao desaparecimento quase total na perífrase deôntica destacada, algo que,

inclusive, observamos no tópico 5.2., pois o item predominante tem se especializado em todos os contextos de uso do menos frequente.

Essa tendência de o elemento, que se especializa em desempenhar a função de outro, suplantar o seu concorrente pela frequência de uso, como vimos, tem sido reconhecida em diversos contextos. Por exemplo, ocorre na prevalência do auxiliar *ter* sobre o seu correspondente *haver*, do verbo *ir* sobre o morfema indicador de futuro na forma simples dos verbos (*vou terminar* por *terminarei*), da expressão *a gente* sobre o pronome correspondente *nós*. E – independentemente de os itens estarem menos ou mais gramaticalizados, isto é, considerando-se a unidirecionalidade, terem, além de emergido, suplantado total ou parcialmente a forma concorrente –, é uma característica latente nesses exemplos o fato de os traços constituintes dos itens gramaticalizados serem os mesmos daqueles em cuja função estes se especializaram.

Esses traços de identidade entre a forma gramaticalizada e a forma com a qual ela concorre também têm sido evidenciados na concorrência entre *ter de* e *ter que*. Aliás, como tem ficado evidente, se não houvesse a identificação desses traços, não haveria especialização e nem concorrência, pois é desses princípios que depende a gramaticalização. Desse modo, se o novo item da expressão objeto deste trabalho se gramaticaliza, ocorre essa identidade. E isso, não somente porque subordina o complemento a partir do verbo principal ao verbo da modalização deôntica, como foi afirmado no tópico anterior, mas também porque ele é vazio de sentido como o é o item *de* nesse contexto. Como podemos conferir no exemplo 08, a carga semântica da ação da perífrase está no verbo principal e a da obrigação, no seu modalizador. O item intermediário, portanto, repetimos em outras palavras, apenas os conecta, exercendo mera função gramatical.

Além do que já constatamos acerca do fenômeno da gramaticalização relacionado à perífrase *Deo.+prep.+inf.v.princ.*, e ainda que não seja o nosso foco a análise de sua ocorrência na escrita, exceto em um breve levantamento a partir das gramáticas elencadas no capítulo 3, constatamos que os usuários, que não são especialistas²⁰ da língua, cujos enunciados expomos abaixo, de um modo geral, tendem a fazer uso indistinto do item conectivo na transcrição dessa perífrase. Essa indistinção aparente é percebida nas duas ocorrências do exemplo 09.

²⁰ Destacamos que não podemos afirmar se os especialistas, ao transcreverem enunciados alheios, sempre mantêm o item usado pelo falante. Somente afirmamos que os editores das reportagens que apresentaram divergência entre a modalidade oral e a escrita não levaram em consideração se o conectivo da perífrase ora estudada era *de* ou *que*.

Exemplo 09:

Inf.16: **Teve de comprar** o sabão pra trazer, para... limpar os corredor lá... o banheiro, que tava sujo demais. Aí é perigoso pegar infecção, né? nas criança. Não só na/da:: da dela, mas do outro que tão no quarto. Eu tô vindo todo dia, mas tá sujo demais (...).

(Transcrição da reportagem): **Tivemos que comprar** sabões para limpar os corredores e o banheiro que estava sujo demais, aí é perigoso pegar infecção nas crianças.

Inf.17: A arrecadação do Estado caiu, a receita corrente líquida, que nos permite e nos dá os índices. Então nós ultrapassamos o índice e infelizmente nós **temos que ajustar** a Casa, pra respeitar as leis e enquadrar a nossa folha de pagamento conforme o índice, que é de 1.77, o máximo.

(Transcrição da reportagem): A arrecadação do estado caiu. A receita corrente líquida é que nos dá os índices. Nós ultrapassamos e **nós temos de ajustar** a casa para respeitar as leis e enquadrar a nossa folha.

Como podemos notar nesse exemplo, mesmo tendo o Inf.16 usado, na oralidade, o item *de*, na transcrição de seu discurso para o texto escrito da reportagem, usou-se o item *que*; o inverso aconteceu com a fala do Inf.17. Desse modo, ainda que, somente por esses dois casos, não se possa afirmar sua frequência de uso na modalidade escrita, é perceptível a sua concorrência mesmo aí, o que reforça o grau de gramaticalização do item conectivo para a concorrência entre as duas formas da referida perífrase.

Assim, sabedores de que essa concorrência é inerente à frequência de uso e à especialização do item inovador, passamos, no tópico a seguir, à consideração de outro princípio ligado a esses, a partir do uso atual da expressão *ter que*.

5.3.1. A descategorização do *que* em *ter que*

Todos esses princípios referidos no parágrafo anterior pressupõem a descategorização. Partindo, então, desse pressuposto, analisamos os discursos de alguns informantes com o intuito de verificar como se dá esse fenômeno com o item *que* na perífrase deôntica de infinitivo. Para isso, vejamos o exemplo 10.

Exemplo 10:

Inf.38: Nós temos várias atividades que são desenvolvidas pros pacientes dentro do INCA e atividades que ajudam o paciente pra ele/que ele não **tenha que interromper** o tratamento por conta de uma dificuldade financeira.

Inf.25: Eu sugiro que você primeiramente procure a sua associação de moradores ou o seu síndico pra que ele demonstre qual a ata da assembleia que fixou essas taxas. Agora em relação ao consumo de água e energia, esses aí ordinariamente você **tem que pagar**, porque dizem respeito ao seu consumo.

Antes de considerarmos a descategorização do item *que* perifrástico, porém, podemos notar outro princípio ligado a ele, a saber, o da divergência. Na elocução do Inf.38, por exemplo, o *que* ao lado da palavra “atividades”, que se repete, recebe a função de pronome relativo. Nesse caso, embora um item dependente, o *que* encerra o sentido de seu referente ao qual substitui, assim como em “a ata da assembleia *que* fixou...”, da elocução do Inf.25. Por outro lado, o *que* em “...pra que ele...” nos discursos dos informantes 38 e 25, ainda que tenha a mesma forma, pertence à outra categoria, exercendo outra função, a de conjunção final. Conjunção é também o *que* após o verbo *sugerir*, do Inf.25, mas apenas com a função integrante. Finalmente, o *que* das perífrases negritadas, com a função de conectar o verbo principal ao seu modalizador, mas vazio de sentido. Ou seja, o item *que*, isomorfo, diverge consigo mesmo quanto às funções exercidas, a depender do contexto de uso, embora na mesma elocução.

Essa divergência aponta para a mudança de categoria do item linguístico em destaque. Como vimos na descrição do tópico 3.3, assim como se propôs que o item *que* emerge do pronome relativo para conjunção integrante, o *que* da perífrase deôntica, embora não precisemos de qual forma funcional se tenha emergido, com sua função prepositiva vazia de sentido, está no mais alto grau de abstratização de sua forma. Isto é, passou por uma descategorização. E está funcionando no uso corrente dos brasileiros, como percebemos, mais uma vez, no exemplo 10.

Em último lugar, analisamos, mais especificamente, o tendente desaparecimento do item *de* na perífrase *Deo+prep.+inf.v.princ.*, no tópico a seguir.

5.3.2. A tendência da estratificação final do *de* em *ter de*...

Embora, sozinha, a estratificação propriamente dita de um item linguístico não implique a eliminação deste nem a de seu concorrente, pois apenas diz respeito à sua passagem de um nível lexical para um gramatical ou de um gramatical para um mais gramatical, no caso do item *de* na perífrase deôntica, sugere-o. Seguindo esse princípio unidirecional, o referido item, nesse contexto específico de uso, alcançou uma gramaticalização tal, que lhe resta quase apenas o desaparecimento, isso se consideramos que ele ainda possa apegar-se a um dos verbos adjacentes, se essa não for, já, uma realidade, tendo em vista não ser a escrita fiel representante da oralidade.

Em todo caso, pela especialização do item *que* nessa função e a sua alta frequência de uso, como já temos constatado, parafraseando o princípio deste tópico, observamos que, apesar de sua coocorrência com o *que*, o *de* da expressão *ter de* tende à sua evaporação final.

5.4. A relação entre a elipse de um elemento nominal e a gramaticalização da perífrase *Deo+prep.+inf.v.princ.*

Analisando a referida expressão a partir da crítica lançada por Almeida (1964)²¹, constatamos ter relação com o fenômeno da gramaticalização dessa expressão a elipse do elemento nominal que ocorre entre o primeiro verbo e a forma dependente usada frequentemente como mero item conectivo. Para melhor compreensão disso, examinamos as ocorrências do exemplo 11:

Exemplo 11:

Inf.05: tipo tá parada a escola, entendeu? Aí manda a gente embora, aí... a gente **tem que aceitar**, né?

Inf.06: A sala de aula é um momento de interação, é um momento de/onde a gente constrói o conhecimento junto. Então a criança precisa movimentar, precisa ter um sabor. Ela não pode tá... eu vou pra aula, mas o que é essa aula? Não, essa aula tem brincadeira, a aula tem uma coisa diferente. Então o teatro também, nessa perspectiva, não pode a pessoa chegar e ficar parado no teatro, por quê? Porque a criança fica imóvel. Ela **tem que participar**

Antes da referência ao caso da elipse, convém o destaque dos sentidos ligeiramente distintos entre a ocorrência do enunciado do Inf.05 e a do Inf.06. No primeiro enunciado, a ocorrência da expressão deôntica implica obrigação, pois, em virtude da suspensão das atividades da escola e da ordem que recebe, o Inf.05 sente-se obrigado a se retirar do estabelecimento; na segunda, necessidade, pois, ao fazer referência a uma aula em que a criança se diverte, o Inf.06 aponta a participação da criança como uma necessidade que ela tem a ser suprida – a criança não é obrigada a participar (se o fosse não haveria diversão), mas precisa disso. Ademais, podemos destacar que há no contexto de fala de ambos os informantes, reforçando esses sentidos elencados, o verbo *mandar* e o verbo *precisar*, nos respectivos enunciados. Contudo, a análise da elipse não é prejudicada por essas distinções semânticas, pois também o índice de obrigatoriedade permanece nos dois enunciados, seja na obrigação pela imposição, seja na obrigação pela necessidade.

Desse modo, se fosse acrescentada a palavra *obrigação* após o modalizador da primeira fala e a palavra *necessidade*, após o da segunda, o sentido seria o mesmo, mas o verbo *ter* não mais seria modalizador, mas pleno, conforme os exemplos abaixo:

1. A gente tem *a obrigação* __ aceitar;
2. Ela tem *a necessidade* __ participar.

²¹ Conferir a primeira gramática elencada no tópico 3.4.

Nesses exemplos, observamos que não somente os verbos exercem função distinta da que exercem na perífrase deôntica, mas também o item que preenche a lacuna, sem mudança semântica da frase, não pode ser o mesmo. Se a lacuna do primeiro exemplo for preenchida pelo item *que*, ele funcionará, necessariamente, como pronome relativo:

1.a. A gente tem *a obrigação que* aceitar;

Equivalendo a:

1.b. A gente tem [a obrigação] que [a gente] aceitar.

No segundo exemplo, uma construção semelhante seria pouco viável, pois *aceitar uma obrigação* é usual, porém *participar uma necessidade*, não. Independentemente disso, o item que preenche a lacuna nos dois exemplos, mantendo o mesmo sentido da expressão deôntica a que nos referimos, é o *de*:

1.c. A gente *tem a obrigação de* aceitar;

2.a. Ela *tem a necessidade de* participar.

Em outras palavras, se o sujeito da oração subordinada for expresso, nem o verbo *ter* da oração principal e nem a forma dependente à direita do núcleo desse sujeito se gramaticalizam. No caso da forma dependente, representada pelas lacunas nos exemplos acima, não ocorre, nessa circunstância, a concorrência com ou a especialização de outro item.

Portanto, embora, até este momento, não possamos precisar qual a motivação dessa elipse, notamos que, elipsando-se o sujeito da oração subordinada nesse contexto linguístico, o falante tem a liberdade de usar o item *que* como relativo ou como preposição, sem haver perda semântica em nenhuma das funções, pois, nesse caso, é o contexto de uso que determina o sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feitas a descrição e a análise dos dados coletados, podemos concluir que as expressões deônticas *ter de* e *ter que*, ligadas a um verbo no infinitivo, têm demonstrado os efeitos do fenômeno da gramaticalização no português do Brasil, sobretudo na oralidade. Destacamos a oralidade em razão de os enunciados analisados terem sido dessa modalidade (salvo raras comparações), todavia, esse fenômeno, como pode ser constatado neste trabalho, já tem sido reconhecido em alguns livros de gramática da nossa língua.

Notamos que o uso da forma gramaticalizada da referida perífrase ocorre em nossa língua independentemente do gênero dos falantes e de sua localização geográfica no país. Além disso, embora não possamos afirmar se quanto ao grau de escolaridade ocorre essa indiferença, devido a não termos levantado esse fator de todos os informantes, percebemos que, entre os acadêmicos, o uso do *que* nesse contexto foi muito superior ao uso do *de*. Resultado que também aponta para a gramaticalização do item.

Além disso, à luz dos princípios de gramaticalização evocados nesta pesquisa, observamos que o item *que* tem sido usado em diversas funções e se especializado a, também – independentemente de fatores fonético-fonológicos ou de interposição de elemento pronominal ou adverbial na perífrase –, funcionar como preposição, mudando de categoria. E, evidenciando princípios como a especialização e a descategorização em sua ocorrência no contexto linguístico observado, esse item, pelo número de sujeitos que o usam (mais de 95% dos informantes consultados), tem concorrido com o item *de* a ponto de tender a substituí-lo totalmente. Resultado que indica um alto grau de gramaticalização. Portanto, do ponto de vista desse fenômeno, não ocorre nenhuma irregularidade com o uso do item *que* nessa função.

Reconhecemos, contudo, que há muito a se estudar acerca dessa perífrase, inclusive quanto aos dados numéricos. Nesse sentido, estudos posteriores poderão responder a questões como: quando esse uso com o item *que* começou a surgir nessa perífrase, visto que tradicionalmente gramáticos reconheciam apenas o *de*? Que fatores motivaram essa variação? E – com dados mais representativos – qual é a frequência de uso do *que* entre os brasileiros atualmente? A esta última questão pode-se acrescentar também um *corpus* escrito. Além disso, propomos a seguinte hipótese: seria a elipse de um elemento à direita do verbo *ter*, e com a função de sujeito de uma oração subordinada, a causa ou uma das causas da modalização do verbo e a variação entre *de* e *que*?

Embora os questionamentos a serem elucidados relativos ao objeto desta pesquisa sejam abundantes, pelas respostas que já demos, esperamos ter contribuído com os nossos professores para que tenham uma abordagem mais reflexiva em suas aulas, de um modo geral, quanto ao estudo das classes gramaticais e a sua funcionalidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 6. ed. (rev. e com.). São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1964.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Gramática pedagógica do português contemporâneo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEZARIO, M. M. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: CEZARIO, Maria Moura (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DIAS, J. R. *Que nem: um estudo do processo de gramaticalização*. Araraquara: Unesp, 2011 (Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, 15 abr. 2011).
- DIONÍSIO, Â. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- GONÇALVES, S. C. L. et al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HAUY, A. B. *História da língua portuguesa: I séculos XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989.
- HEINE, B. et al. From cognition to grammar. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991a, p. 149-187.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-35.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006, p.80-94.

LIMA COUTINHO, I. de. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

LOPES, C. R.S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Iberoamericana: Vervuert, 2003.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NARO, A. J.; BRAGA, M. L. *A interface sociolinguística/gramaticalização*. Gragoatá, n. 9, 2000, p. 125-135.

NEVES, M. H. da M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PIETROFORTE, A. V. A língua como objeto da Linguística. In: FIORIN, José Luiz *et al.* (Org.). *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p.79.

REZENDE, A. M. de. *Latina essentia: preparação ao latim*. 5. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SEARA, I. C. *et al.* *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTOS, A. S. *Descrição dos usos de pronto e (em)bora em conversas informais: um estudo de gramaticalização*. Campina Grande: UFCG, 2013. (Trabalho de conclusão de curso submetido ao curso de Licenciatura em Letras, para obtenção do título de graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa – UFCG/Campina Grande).

SOUZA, E. R. de. Um estudo discursivo-funcional de assim, já e aí no português falado do noroeste paulista. In: CEZARIO, Maria Moura (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.

VITRAL, L. *et al.* Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

ANEXO – Textos de reportagens cujas transcrições²² do objeto desta pesquisa divergem da oralidade

Arquivo I – texto relativo ao Arquivo X do apêndice:

Familiares de pacientes ajudam na limpeza de hospital em paralisação

Funcionários da Litucera estão paralisados desde a última sexta-feira (15). Eles reivindicam o pagamento do salário do mês de março.

Familiares de pacientes internados no Hospital Infantil de **Palmas** precisaram fazer a limpeza da unidade neste fim de semana. (*Veja o vídeo*). Os funcionários da Litucera, empresa responsável pelos serviços, estão paralisados desde a noite da última sexta-feira (15). Eles reivindicam o pagamento do salário do mês de março, que deveria ter sido pago no dia 7 deste mês.

Por causa da sujeira acumulada no hospital, os próprios pais das crianças internadas compraram sabão para fazer uma faxina na unidade. A filha de 10 meses do aposentado José Lucas Ferreira está há dez dias na unidade de saúde. Preocupado, ele mesmo resolveu agir para deixar o local limpo.



Pais de pacientes limpam corredor de hospital

(Foto: Reprodução/TV Anhanguera)

"Devido ao excesso de lixo, resto de comida e fraudas sujas, já começava a acumular bixo. Então eu tive a preocupação, não somente com a minha filha, mas com as crianças que estavam no quarto", explicou.

O sobrinho da dona de casa Nubia de Sousa tem oito meses e foi internado após problemas nos rins. Ela disse que comprou materiais de limpeza no último sábado (16). "**Tivemos que comprar**

²² As transcrições da perífrase deôntica feitas pelos respectivos editores das reportagens elencadas neste anexo foram negritadas por nós. Também lembramos que nem todas essas transcrições divergiram da oralidade.

sabões para limpar os corredores e o banheiro que estava sujo demais, aí é perigoso pegar infecção nas crianças."

No sábado (16), o Governo do **Tocantins** afirmou que já havia feito o pagamento, mas que por questões burocráticas, o dinheiro só iria cair na conta da empresa nesta terça-feira (19). O governo adiantou que já programou também uma segunda parcela que deve ser paga na quarta-feira (20).

O Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Asseio, Conservação Ambiental e Pública do Estado do Tocantins (Sintecap) confirmou, nesta segunda-feira (18), que a paralisação continua. Informou também que funcionários de todos os hospitais do Tocantins aderiram e que eles só devem voltar ao trabalho quando todas as parcelas forem quitadas.

Tv Anhanguera. *Familiares de pacientes ajudam na limpeza de hospital em paralisação*. **G1 Tocantins**, Tocantins, 18 abr. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/04/familiares-de-pacientes-ajudam-na-limpeza-de-hospital-em-paralisacao.html>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo II – texto relativo ao Arquivo XI, Inf.17 do apêndice:

Assembleia Legislativa vai exonerar comissionados para reduzir gastos

Casa de leis precisa se enquadrar na Lei de Responsabilidade Fiscal. Exonerados poderão ser recontratados após dois meses.

A Assembleia Legislativa do **Tocantins** deverá exonerar servidores comissionados dos gabinetes e da mesa diretora no dia 1º de março. Isso porque a verba de gabinete dos parlamentares foi reduzida em 70%, de R\$ 72.722,03 para R\$ 21.816,61. (*Veja o vídeo*)

O anúncio da redução foi feito pelo presidente da Assembleia Legislativa, Osires Damaso (DEM). Conforme o parlamentar, essa é a única forma de conseguir enquadrar as contas na Lei de Responsabilidade Fiscal, pois o gasto com pessoal está acima do permitido.

"A arrecadação do estado caiu. A receita corrente líquida é que nos dá os índices. Nós ultrapassamos e nós **temos de ajustar** a casa para respeitar as leis e enquadrar a nossa folha."

Conforme a AL, não há uma previsão de quantos comissionados serão exonerados, pois o corte foi no valor da verba.

Deste modo, os deputados podem reduzir salários e manter quantos servidores conseguirem. O corte na verba da mesa diretora, por outro lado, será de 100%.

Para alguns deputados, a redução pode prejudicar o trabalho parlamentar. "Vai prejudicar porque em uma época tão difícil estamos precisando fazer vários trabalhos", disse Mauro Carlesse (PTB).

Porém, a medida vale apenas para os meses de março e abril. Segundo o próprio presidente, as pessoas que serão exoneradas no dia 1º poderão ser reencontradas no mês de maio. "Vamos fazer os cortes e a partir de maio vamos voltar conforme o índice nos permitir", disse Damaso.

Tv Anhanguera. *Assembleia Legislativa vai exonerar comissionados para reduzir gastos*. **G1 Tocantins**, Tocantins, 24 fev. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/02/assembleia-legislativa-vai-exonerar-comissionados-para-reduzir-gastos.html>. Acesso em: 16 fev. 2017.

APÊNDICE – Transcrição dos vídeos analisados

Arquivo I

Inf.01: Só três dias: chega no domingo e falta na terça-feira. De manhã já não tem mais água. Aí **tem que ter** os reservatório, né? Porque, se não, a gente fica sem água.

(Min. 0:36 – 0:44)

Inf.01: Não tem como beber e nem como cozinhar, só é pra lavar roupa e casa, porque as condições da água é muito suja.

Inf.02: **Tem que comprar?**

Inf.01: **Tem que comprar** água mineral.

(Min. 0:52 – 1:02)

Moradores de Palmeira dos Índios podem ficar sem água em 2 meses. G1 Alagoas, Alagoas, 10 out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/10/moradores-de-palmeira-dos-indios-podem-ficar-sem-agua-em-2-meses.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo II

Inf.03: (...) a BA 283 está tão cheia de buraco, mas tão cheia de buracos, você vai ver, que os motoristas **têm que dirigir**, ó, fazendo ziguezague e, às vezes, até na contramão.

(Min. 0:04 – 0:13)

Inf.04: (ininteligível) necessita muito rápido de uma reforma/de um recapeamento... Às vezes tem/**tem até que sair** fora da... da rodovia pra... pra/prafra trafegar. É complicado aqui.

(Min. 1:35 – 1:45)

Tv Santa Cruz. Motoristas se queixam de estrada esburacada na BA-283, sul do estado. G1 Bahia, Bahia, 18 jan. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2017/01/motoristas-se-queixam-de-estrada-esburacada-na-ba-283-sul-do-estado.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo III

Inf.05: tipo tá parada a escola, entendeu? Aí manda a gente embora, aí... a gente tem que aceitar, né?

(Min. 1:07 – 1:12)

Tv Bahia. *Escolas estaduais suspendem volta às aulas por falta de terceirizados*. **G1 Bahia**, Bahia, 05 jul. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/07/escolas-estaduais-suspendem-volta-aulas-por-falta-de-terceirizados.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo IV

Inf.06: (...) A sala de aula é um momento de interação, é um momento de/onde a gente constrói o conhecimento junto. Então a criança precisa movimentar, precisa ter um sabor. Ela não pode tá... eu vou pra aula, mas o que é essa aula? Não, essa aula tem brincadeira, a aula tem uma coisa diferente. Então o teatro também, nessa perspectiva, não pode a pessoa chegar e ficar parado no teatro, por quê? Porque a criança fica imóvel. Ela **tem que participar**

Inf.07: **tem que interagir**

Inf.06: **tem que interagir** (...)

(Min. 0:25 – 0:46)

Conexão CE. *Método de ensino de escola de Maracanaú é destaque no Conexão CE*. **G1 Ceará**, Ceará, 04 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/conexao-ce/videos/t/todos-os-videos/v/metodo-de-ensino-de-escola-de-maracanau-e-destaque-no-conexao-ce/5698899/>> Acesso em: 07 mar. 2017.

Arquivo V

Inf.08: Kamila disse que, quando foi pra fazer a manobra, é:: aquele carro já foi, já seguindo, já ali, já/já perto. Ela não teve mais nem como fazer a manobra, **teve que seguir** pra pegar a BR. Quando pegou a BR, acho que eles imaginaram: ‘Não, é bandido mesmo, tá fugindo’ e aí, sinceramente, minha fi/aí começaram atirar e logo minha filha foi atingida no peito (...)

(Min. 2:48 – 2:58)

TV Mirante. *Família de estudante morta por PMs no MA contesta versão da Secretaria*. **G1 Maranhão**, Maranhão, 19 dez. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2016/12/familia-de-estudante-morta-por-pms-no-ma-contesta-versao-da-secretaria.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Arquivo VI

Inf.09: Nós estamos no dia 1º de fevereiro e nós não recebemos ainda o que a gente produziu no mês de dezembro. Dezembro a gente **teve que pagar** duas folhas: décimo terceiro e o mês de dezembro. Esse dinheiro não entrou e a gente **teve que se virar** pra poder pagar os funcionários.

(Min. 0:56 – 1:12)

Hospitais filantrópicos da Grande João Pessoa enfrentam problemas. **G1 Paraíba**, Paraíba, 01 jan. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/02/hospitais-filantronicos-da-grande-joao-pessoa-enfrentam-problemas.html>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Arquivo VII

Inf.10: A gente **tem que se esforçar** dobrado, **tem que mostrar** que pode fazer duas vezes, né, **tem que fazer** mostrando que/que faz e faz bem feito, pra ser aceito, pra que os outros vejam que você não é frágil, que você não é alguém pra eles tomarem conta, você é alguém com quem eles podem contar no dia a dia, durante as ocorrências... de bombeiro.

(Min. 1:30 – 1:46)

Militares Femininas falam do desafio de conciliar o trabalho com a vida em família. **G1 Paraíba**, Paraíba, 08 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/jpb-ledicao/videos/t/campina-grande/v/militares-femininas-falam-do-desafio-de-conciliar-o-trabalho-com-a-vida-em-familia/5709106/>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

Arquivo VIII

Inf.11: Pra aprendizagem... o professor vai **ter que se rebolar** muito e a criança vai **ter que se concentrar** também.

(Min. 2:08 – 2:16)

Alunos de séries diferentes estudam juntos em escola no Agreste da PB. **G1 Paraíba**, Paraíba, 10 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2017/02/alunos-de-series-diferentes-estudam-juntas-em-escola-no-agreste-da-pb.html>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Arquivo IX

Inf.12: Já tem um mês que eu tento uma consulta e não consigo, porque, toda vez que eu venho, tem muita gente agendado. A médica é disputada, é quatro vaga que tem. Todo mundo que chega, pra tudo/de manhã mesmo, **tem que chegar** cinco, quatro hora da manhã pra pegar uma vaga.

(Min. 0:47 – 1:00)

Inf.13: A gente **tem que tá procurando** a pessoa pra poder dar aerosol aos nossos filho. E tem mais uma, viu: uma vez truxe a minina também cansadinha aí e pra atender, e disse que

não tinha vaga. Toda vez que eu vinha não tinha vaga. Aí eu **tive que levar** pra 24Horas, porque pra atender aí **tinha que agendar** uma ficha, pra daqui a um mês atender a criança.

(Min. 1:05 – 1:22)

Inf.14: Não tem condição esse posto. Ou resolve tudo de uma vez ou é melhor fechar as porta duma vêi. Manda a gente pro 24Hora, a gente **tem que ter** o 24Hora é aqui na Coroa do Mêi, que a gente mora aqui na Coroa do Mêi. Nós num mora no Augusto Franco!

(Min. 1:37 – 1:48)

Inf.15: (...) Agora o que eu reivindico... assim mais atenta, é urgente uma calçada em volta do posto, porque, quando o ônibus dá volta, você **tem que pular** dentro do rego – que não é calçada, que é mais baixo do que o asfalto –, pular dentro do rego contaminado.

(Min. 2:22 - 2:36)

Apelo por atendimento médico de comunidade sergipana. **G1 Sergipe**, Sergipe, 02 jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/videos/t/todos-os-videos/v/apelo-por-atendimento-medico-de-comunidade-sergipana/2667844/>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

Arquivo X

Inf.16: **Teve de comprar** o sabão pra trazer, para... limpar os corredor lá... o banheiro, que tava sujo demais. Aí é perigoso pegar infecção, né? nas criança. Não só na/da:: da dela, mas do outro que tão no quarto. Eu tô vindo todo dia, mas tá sujo demais (...)

(Min. 1:12 – 1:29)

Tv Anhanguera. *Familiares de pacientes ajudam na limpeza de hospital em paralisação.* **G1 Tocantins**, Tocantins, 18 abr. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/04/familiares-de-pacientes-ajudam-na-limpeza-de-hospital-em-paralisacao.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo XI

Inf.17: A arrecadação do Estado caiu, a receita corrente líquida, que nos permite e nos dá os índices. Então nós ultrapassamos o índice e infelizmente nós **temos que ajustar** a Casa, pra respeitar as leis e enquadrar a nossa folha de pagamento conforme o índice, que é de 1.77, o máximo.

(Min. 0:29 – 0:45)

Inf.18: A lei diz que nós **temos que tá** adequado e:: aí **tem que tirar/reduzir** o tanto que vai até adequar. É::: muito grande, né? talvez se nós tivéssemos é: reduzido o: ano passado um pouco, já não precisaria fazer esse corte drástico do jeito que foi hoje.

(Min. 0:48 – 1:02)

Inf.19: Para quem **tem que ter** a leitura oficial diariamente, todos os atos do poder executivo, acompanhar os do judiciário, acompanhar as matérias que tramitam, eu preciso da minha assessoria.

(Min. 1:17 – 1:27)

Tv Anhanguera. *Assembleia Legislativa vai exonerar comissionados para reduzir gastos*. **G1 Tocantins**, Tocantins, 24 fev. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/02/assembleia-legislativa-vai-exonerar-comissionados-para-reduzir-gastos.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo XII

Inf.20: Primeiro eles **têm que fazer** rodoanel, ele **tem que definir** rota pra onde rodar, porque caminhão não pode parar!

(Min. 0:44 – 0:50)

Inf.21: Já imaginou? Rodei o dia inteiro, uma parte à noite. Descansei três, quatro hora, a/eu **tem que ir** lá, não posso descansar essas três, quatro hora, **tem que ir** lá descarregar. Comprica, né?

(Min. 0:51 – 1:01)

Tv Anhanguera. *Motoristas desobedecem proibição do trânsito de caminhões em Palmas*. **G1 Tocantins**, Tocantins, 15 abr. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/04/motoristas-desobedecem-proibicao-do-transito-de-caminhoes-em-palmas.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo XIII

Inf.22: Nós temos uma resolução que, não necessariamente, eles **têm que tá** no gabinete. Esse gabinete aqui só tem duas salas/uma sala, não dá pra acomodar nem cinco servidores... Imagine 65? Agora eles estão nos municípios, prestando os trabalhos deles.

(Min. 5:34 – 5:49)

Tv Anhanguera. *Vaqueiro de deputado está na folha de pagamento da AL do Tocantins*. **G1 Tocantins**, Tocantins, 14 dez. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2015/12/vaqueiro-de-deputado-esta-na-folha-de-pagamento-da-al-do-tocantins.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo XIV

Repórter: Dependendo do rumo desse processo, aí entra em cena o Conselho de Ética da Câmara?

Inf.23: Com certeza. Aí entra. Se houver a prisão dele, normalmente a gente vai **ter que encaminhar** o caso dele para o Conselho de Ética dessa Casa.

(Min. 1:18 – 1:32)

Presidente da Câmara diz que vereador Juruna deve ser cassado. **G1 Acre**, Acre, 28 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ac/acre/>>. Acesso em 29 mar. 2017.

Arquivo XV

Inf.24: A partir de agora, nós aguardamos o quê? Uma portaria interministerial entre o Ministério do Planejamento e o Ministério da Educação, porque os servidores, aqui no Amapá, eles são vinculado ao Ministério do Planejamento. Então ela **tem que ser** interministerial.

(Min. 1:48 – 2:03)

Portaria de reconhecimento dos saberes e competência é assinada no Amapá. **G1 Amapá**, Amapá, 27 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ap/amapa/bom-dia-amazonia/videos/t/edicoes/v/portaria-de-reconhecimento-dos-saberes-e-competencia-e-assinada-no-amapa/5755209/>>. Acesso em 29 mar. 2017.

Arquivo XVI

Inf.25: Eu sugiro que você primeiramente procure a sua associação de moradores ou o seu síndico pra que ele demonstre qual a ata da assembleia que fixou essas taxas. Agora, em relação ao consumo de água e energia, esses aí, ordinariamente você **tem que pagar**, porque dizem respeito ao seu consumo.

(Min. 1:47 – 2:04)

Inf.25: Se essa taxa condominal ela for uma taxa que foi estipulada na assembleia onde todos os moradores anuíram e estipularam essa taxa eles **têm que pagar**. É o único caso, inclusive, Cleide, de perda da casa/da moradia que a legislação prevê. Ordinariamente, a casa, a

habitação da família é um bem impenhorável, salvo nesses casos em dívida do/da própria unidade habitacional. Então ela **tem que ficar** muito atenta a isso e participar das assembleias pra se esse valor está exorbitante, se esse valor não está sendo empregado, exercer o poder fiscalizador que todo morador tem sobre seu condomínio.

(Min. 3:03 – 3:43)

Inf.25: Antes de distribuir a casa, de dar a casa, de fazer a entrega da casa, existe uma preparação pra uma nova espécie de/prá uma nova modalidade de moradia, é um/é um no/é uma nova vida. Então essas pessoas **têm que ser** preparadas.

(Min. 3:50 – 4:04)

Inf.25: (...) esses conjuntos habitacionais, como eles deveriam ser ecologicamente sustentáveis, deveria ter, pra que não sobrecarregasse o morador, que geralmente tem uma renda baixa, deveria ter um programa de geração de energia, por exemplo, de ener/de energia solar. Eu tenho certeza que não foi feito um estudo, nesses conjuntos habitacionais, e acabou pra eles a regra geral de consumo de energia. Então a regra é: você consumiu, por esse consumo **tem que pagar**.

(Min. 5:07 – 5:38)

Jornalista: Quem tá inadimplente com a/com o não pagamento da taxa de/de condomínio pode negociar, então?

Inf.25: Pode negociar, **tem que negociar** (...).

(Min. 6:38 – 6:45)

Seus Direitos, Seus Deveres: advogado fala sobre taxas cobradas em conjuntos habitacionais. G1 Amapá, Amapá, 22 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ap/amapa/bom-dia-amazonia/videos/t/edicoes/v/seus-direitos-seus-deveres-advogado-fala-sobre-taxas-cobradas-em-conjuntos-habitacionais/5743566/>> Acesso em 29 mar. 2017.

Arquivo XVII

Inf.26: Supercomplicado, porque::, além de ter nossas obrigações, no/nossos funcionários, nossos/nossos custos, **temos que::, já praticamente, separar** um::/um dinheiro pra/prá bandidagem

(Min. 0:44 – 0:57)

Oito postos de combustíveis são assaltados por dia em Manaus. **G1 Amazonas**, Amazonas, 25 mar. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/jam/videos/t/edicoes/v/oito-postos-de-combustiveis-sao-assaltados-por-dia-em-manaus/5753424/>. Acesso em 29 mar. 2017.

Arquivo XVIII

Inf.27: (ininteligível) veado, gay, se pegar, **tem que matar** mesmo (...)

(Min. 0:01 – 0:04)

MARTINS, Vanessa. *Delegado afirma que vai analisar vídeos de médico xingando casal gay.* **G1 Goiás**, Goiás, 16 jun. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/06/delegado-afirma-que-vai-analisar-vidEOS-de-medico-xingando-casal-gay.html>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Arquivo XIX

Inf.28: Meu prejuízo foi enorme. Eu que tava passando por uma/por uma hora super difícil na minha vida, quando **tive que levantar** esse dinheiro pra ela.

(Min. 0:54 – 1:00)

Inf.29: Foi quando nós começamos a descobrir o rolo dela por isso, que como pra extinguir um processo eu **tenho que pagar** mais o valor que já paguei?

(Min. 1:11 – 1:19)

Formada em direito é investigada por advogar sem registro da OAB-GO. **G1 Goiás**, Goiás, 09 ago. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/08/formada-em-direito-e-investigada-por-advogar-sem-registro-da-oab-go.html>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Arquivo XX

Inf.30: Agiram com muita brutalidade, nos dando chute, coronhadas, é:: chamando de vagabundo: “entra pra dentro, entrega tudo que tem”. Eu fiquei ferindo, meu filho ficou ferido. Meu filho **teve que passar** um dia no hospital, porque tava sangrando muito.

(Min. 0:34 – 0:48)

Detidos suspeitos de roubar relógios avaliados em R\$ 400 mil; veja vídeo. **G1 Goiás**, Goiás, 02 fev. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2017/02/detidos-suspeitos-de-roubar-relogios-avaliados-em-r-400-mil-veja-video.html>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Arquivo XXI

Inf.31: A atividade de risco ela **tem que ser** reconhecida pela população, pelo governo nessa discussão, nesse momento, de uma tratativa sobre questão previdenciária.

(Min. 0:48 – 0:56)

Tv Morena. *Comissão da reforma da Previdência recebe reivindicação de policiais*. **G1 Mato Grosso**, Mato Grosso, 13 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2017/02/comissao-da-reforma-da-previdencia-recebe-reivindicacao-de-policiais.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Arquivo XXII

Inf.32: Não é hora de desunião, meu irmão. Não é hora de major brigar com capitão, não é hora de capitão brigar com soldado. A gente já falou o que **tinha que falar**. A sociedade sentiu a nossa falta. Meu Deus! olha o que tá acontecendo na rua! Vamos dar uma parcela de contribuição. (...)

(Min. 0:18 – 0:44)

Tenente faz apelo para que PMs voltem às ruas no ES. **G1 Espírito Santo**, Espírito Santo, 09 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/02/tenente-faz-apelo-para-que-pms-voltem-ruas-no-es.html>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

Arquivo XXIII

Inf.33: Vai dificultar muito pro trabalhador, **ter que trabalhar** mais, contribuir mais.

(Min. 1:40 – 1:44)

Inf.34: Se **tivesse que esperar** até sessenta e cinco: mais dez anos?

Inf.35: Não dou conta. Porque hoje eu tô ficando muito fraca..., cê entendeu? Já tô tendo muitos problema/você vê, tenho problema de vista sério, **tenho que enfrentar** roça? Cê acha que isso é certo?

(Min. 1:57 – 2:11)

Produtores rurais protestam contra a PEC 287 em Poços de Caldas, MG. **G1 Sul de Minas**, Minas Gerais, 15 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2017/02/produtores-rurais-protestam-contrapec-287-em-pocos-de-caldas-mg.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Arquivo XXIV

Inf.36: Então em curto tempo não dá pra gente ter uma solução imediata, mas vamos tentar parcerias com algumas instituições filantrópicas do bairro, pra ver se dá pra acolher essas crianças. Só que, também, para acolher as crianças, é preciso que se tenha um padrão que é exigido, né? Então nós **temos que ficar** atentos a tudo isso.

(Min. 2:14 – 2:33)

Inf.37: Com:: o período chuvoso, esses locais que apresentam encostas, eles tendem a: ficar mais suscetíveis a ter possíveis deslizamentos. É::, mas, sendo assim, **tem que ser** feito um estudo mais detalhado do local, pra poder tá verificando as condições, se realmente ele corre esse risco

(Min. 2:42 – 2:52)

Creche construída em área de risco está fechada em Pouso Alegre, MG. G1 Sul de Minas, Minas Gerais, 02 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2017/02/creche-construida-em-area-de-risco-esta-fechada-em-pouso-alegre-mg.html>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Arquivo XXV

Inf.38: Nós temos várias atividades que são desenvolvidas pros pacientes dentro do INCA e atividades que ajudam o paciente pra ele/que ele não **tenha que interromper** o tratamento por conta de uma dificuldade financeira.

(Min. 0:37 – 0:51)

BOECKEL, Cristina. *Inca faz apelo por doações de comida a pacientes com câncer no Rio. G1 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 19 out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/10/inca-faz-apelo-por-doacoes-de-comida-pacientes-com-cancer-no-rio.html>>. Acesso em: 03 mar. 2017.*

Arquivo XXVI

Inf.39: O DER disse que, por causa da crise econômica, o cronograma de recuperação das estradas estaduais **teve de ser** adiado, mas que faria reparos emergenciais.

Obs. Esse texto pôde ter sido escrito, pois, na reportagem, apenas se ouvia a voz do repórter.

(Min. 1:59 – 2:10)

Motoristas reclamam das péssimas condições da RJ-143. G1 Sul do Rio e Costa Verde, Rio de Janeiro, 01 fev. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde>>.

verde/noticia/2017/02/motoristas-reclamam-das-pessimas-condicoes-da-rj-143.html>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Arquivo XXVII

Inf.40: Olha, eu acho que nós vamos **ter que achar** outras soluções, eu vejo, né? É:: Eu acho que dividir um pouco até as tarefas do Natal, pra que não haja muito consumo dentro de casa, é:... dar uma intercalada nas casas que vão fazer as festas, porque, assim, divide um pouquinho entre todos.

(Min. 2:16 – 2:32)

Inf.41: (...) o que aconteceu foi que, desde 2013, quando a gente teve uma seca muito intensa no país inteiro, por conta disso todas as termoelétricas **tiveram que ser** ligadas e, no ano passado, a conta/esse custo pro Brasil das termoelétricas acionadas ele foi é:: superior a R\$ 20.000.000.000,00. As distribuidoras, e aí do Brasil todo, não só a EDP Bandeirante, **tiveram que contrair**:: empréstimos junto a bancos, pra poder pagar essa conta e esse empréstimo começa a ser pago agora.

(Min. 4:04 – 4:21)

Após aumento, moradores do Alto Tietê tentam conter gasto de energia. G1 Mogi das Cruzes e Suzano, São Paulo, 23 out. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2015/10/apos-aumento-moradores-do-alto-tiete-tentam-conter-gasto-de-energia.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Arquivo XXVIII

Inf.42: A coisa piorou dum jeito que, na hora sair de casa, cê **tem que:: dar** um jeito de sair pra fora, abrir portão, olhar pra lá e pra cá. Tá horrível, terrível, terrível!

(Min. 1:41 – 1:50)

Moradores do Jardim Santa Mônica reivindicam mais segurança no bairro. G1 Paraná, Paraná, 26 out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/moradores-do-jardim-santa-monica-reivindicam-mais-seguranca-no-bairro/5404492/>>. Acesso em 06 mar. 2017.

Arquivo XXIX

Inf.43: Nós temos a:: convicção de que isso **tem que ter** um apoio e um suporte técnico de alguém habilitado. Isso não é uma obra que é feita por pedreiros corriqueiros, até porque eles não têm o hábito de escavar (...)

Inf.44: **Tem que ser** especializado pra fazer uma obra dessa complexidade, e nesse terreno, também, que é um terreno complicado.

(Min. 7:30 – 7:46)

Polícia acredita que túnel foi aberto no RS com apoio de 'técnico habilitado'. G1 Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 23 fev, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/02/policia-acredita-que-tunel-foi-aberto-no-rs-com-apoio-de-tecnico-habilitado.html>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

Arquivo XXX

Inf.45: Sim, vou **ter que arriscar**, porque senão eu vou **ter que fazer** um desvio de 30 km, então eu vou **ter que acabar** pegando essa estrada, porque, pelas minhas contas, é cerca de 3 km, né? pra chegar no outro lado.

(Min. 1:46 – 1:56)

STRATE, Nádia. Motoristas se arriscam em desvio alternativo após bloqueio na RSC-287. G1 Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 31 jan. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/transito/noticia/2017/01/motoristas-se-arriscam-em-desvio-alternativo-apos-bloqueio-na-rsc-287.html>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Arquivo XXXI

Inf.46: Sim, apoiamos, até porque a agente sabe a situação do professor. E a gente sabe que o professor eles **têm que se concentrar**, e ele não consegue se concentrar, até porque, recebendo o salário parcelado, e não tendo como pagar as contas em casa, ele acaba não podendo se concentrar nisso/das aulas. E a gente precisa de concentração nas aulas.

(Min. 4:14 – 4:32)

Ja Ideias: estudantes explicam reivindicações de ocupações nas escolas. G1 Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 16 mai. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/ja-ideias-estudantes-explicam-reivindicacoes-de-ocupacoes-nas-escolas/5026831/>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

Arquivo XXXII

Inf.47: Conforme um acordão, que foi pro Tribunal de Contas, nós **temos que fazer** a revisão de todos os projetos antes de começar a execução deles.

(Min. 5:57 – 6:05)

Entidades fazem apelo pela melhoria nas BRs 282 e 470; confira na série 'SOS Rodovias'. **G1 Santa Catarina**, Santa Catarina, 01 ago. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/videos/t/bom-dia-sc/v/entidades-fazem-apelo-pela-melhoria-nas-brs-282-e-470-confira-na-serie-sos-rodovias/3535153/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.